

Nossa sociedade é uma construção repleta de padrões, normas e restrições, que, por mais que não estejam registradas na Constituição Brasileira, estão presentes em nosso dia-a-dia e em nossa convivência. Padrões estes que são responsáveis pela chamada “divisão social” ou “catracalização da sociedade”, que é a categorização do ser humano, julgada pelas próprias seleções da sociedade. Mas a quem cabe decidir a que camada cada ser humano pertence? O individualismo e os meios de comunicação são chave para a disseminação de tal preconceito no Brasil.

Como dissera o filósofo Immanuel Kant, “Aja de modo que consideres a humanidade tanto na tua pessoa, quanto na de qualquer outro, sempre como objetivo, nunca como simples meio”, ou seja, devemos pensar sempre no próximo, não realizar ações que prejudiquem a outros em benefício próprio, porém, contrários ao pensamento de Kant, os membros da nossa sociedade tentam dividi-la ao máximo, preocupando-se apenas consigo, acreditando que, por exemplo, ao adquirir produtos que possuem determinado status, estão em um patamar superior a aqueles que não o possuem, podendo julgar quem pertence ou não à sua categoria.

Em meios de comunicação como a internet e a mídia, é possível identificar a propagação dos padrões e das divisões entre pessoas. Através de tais ferramentas, mesmo que sem perceber, nós somos responsáveis por classificações preconceituosas, a exemplo de chegar ao ponto de designar programas para pessoas de renda inferior e programas para classes mais favorecidas, como na comparação entre “esquenta”, da globo e “mentes brilhantes” do Syfy. Na web também está presente a catracalização, onde os considerados “desatualizados” e também associados à menores rendas utilizam o Orkut e os mais “atualizados” e bem favorecidos utilizam redes sociais como o Facebook e o Whatsapp. Não há como fugir a esta designação, ou faz parte de um, ou faz parte de outro, você não tem decisão, e julgado pela sociedade e deve aceitar sua categoria.

A fim de concluir o disserto, é plausível inferir que investir em setores como a educação é a solução, para que seja trabalhado em nossos jovens, desde cedo, a questão do preconceito, para que, no futuro, nossos bisnetos ou seus filhos possam crescer sem que sejam classificados pelos programas que assistem, bens que possuem, por sua cor de pele ou pelo aplicativo que acessam.

Antonio de Lucca (2º EM/2017)

É um fato que a crescente acessibilidade aos meios de comunicação, como redes sociais e televisão, vem trazendo grandes benefícios para a sociedade contemporânea. Porém, esse inevitável avanço, em conjunto com interação social constante, domina e controla a forma de agir e pensar da grande maioria, fazendo-a adotar “catracas invisíveis”, em que o que não condiz com o certo ou bonito imposto deve ter acesso negado. Existe, de fato, um propósito ou fundamentação para essa prática, senão o lucro?

Um indivíduo começa a ser seduzido desde seus primeiros anos de vida, de forma que, com o tempo, o que lhe é imposto se torna algo corriqueiro e insubstituível. Segundo o sociólogo Émile Durkheim, a partir do nascimento, começa a formação de um novo “ser social”, que também adotará o sistema da “catraca invisível”. Durkheim defendia o conceito “Fato Social”, que consistia em toda maneira de agir influenciada por uma coerção exterior, isto é, qualquer atitude ou conduta induzida por uma força externa, neste caso, a mídia e sua atuação na padronização de comportamentos coletivos.

A homogeneização de práticas e concepções faz com que aqueles que pensam de outra maneira sejam julgados e discriminados. Consequentemente, essas pessoas, muitas vezes, sofrem por exclusão ou até mesmo violência. De acordo com o biólogo Richard Dawkins, cada sujeito é criado de forma a acreditar em uma perspectiva diferente do mundo e não cabe a nós barrá-los na catraca. Dawkins defende que existem visões divergentes, porém nenhuma delas está errada, sendo assim, o racismo, a xenofobia e a intolerância religiosa, são atitudes irracionais e primitivas.

As “catracas invisíveis” vêm nos limitando a crescer como indivíduos, estabelecendo como devemos pensar, agir e até com quem nos relacionar. Esse problema começa na matriz da vida, logo, a sua solução está no fortalecimento da educação, tanto nas instituições de ensino, como em casa. O único propósito da mídia com esse sistema sem fundamentação é o lucro. Portanto, é nosso dever criar autonomia, espírito crítico e coragem para abrimos nossa mente e pularmos a catraca sem o bilhete de aceitação.

Caio Morris Matos (2º EM/2017)

O mundo assiste, cada vez mais impassível, ao crescente sistema paradigmático sob o qual a sociedade submete-se, seja por influência midiática, ou, até mesmo, por falta de intervenção governamental. No entanto, é de extrema importância que haja a quebra desses paradigmas, a tal decatracalização da vida.

É indubitável que a mídia, com seu intenso poder de convencimento, impõe padrões na mente das pessoas. Conforme Adorno e Horkheimer, criadores do pensamento crítico à indústria cultural e aos meios midiáticos, os hábitos de consumo da sociedade contemporânea estão ligados diretamente aos veículos de comunicação em massa, influenciando pessoas à adoção de ideais irreais. Essa mídia impõe-se fortemente, fortalecendo cotidianamente uma catraca invisível, que acorrenta a percepção humana, privando-a da liberdade mais preciosa: a do pensamento.

Outro fator que corrobora com a catracalização da sociedade brasileira é a falta de uma maior intervenção governamental. De acordo com o artigo quinto da Constituição brasileira “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.” Todavia, vive-se em um Brasil extremamente segregado, em que há uma elite que goza de regalias e extravagâncias. Em contrapartida, nesse mesmo país, sob o mesmo governo, existe uma maioria pobre, assustadoramente carente, sem acesso, muitas vezes, ao básico: alimento e água potável. Portanto, perante a lei, de fato, todos são iguais, não obstante, a realidade do país é profundamente catracalizada.

Compreende-se, assim, que a sociedade brasileira possui um longo caminho a trilhar para desvencilhar-se das catracas impostas. Para isso, é necessário que haja movimentos e projetos de conscientização acerca dos meios midiáticos, de modo que estes tenham cada vez menos influência sobre as pessoas. Além disso, o governo também deve investir mais na esfera pública, oferecendo melhores sistemas educacionais, de saúde, lazer, moradia etc., elevando a qualidade de vida da parcela mais carente do país, atenuando assim, o abismo entre as camadas sociais, e obtendo como consequência, a decatracalização social.

Liz Chaves (2º EM/2017)

Vivemos em uma sociedade em que a cada passo que damos somos criticados, a cada mudança que realizamos, somos julgados e a cada escolha que tomamos, somos taxados. Somos catracalizados na nossa própria vida. Isso acontece por alguns motivos, entre eles: os padrões de vida criados pela sociedade em que vivemos e a grande desigualdade que existe no Brasil.

As catracas da vida são muito mais do que apenas barreiras que impedem a nossa passagem em determinados locais. Afinal, não conseguimos nos livrar delas apenas com “cartões de acesso”, pagamento ou qualquer outra coisa que nos dê passagem. As catracas da vida nos mostram a sociedade crítica e ignorante em que vivemos. Estamos expostos a todo e qualquer julgamento por sermos quem somos e pelas atitudes que tomamos. Somos sempre direcionados a seguir padrões que a sociedade cria, sejam eles de beleza ou sociais. Muitas vezes, esperam de nós algo que não somos, porém nos impõe esse padrão e servimos como uma espécie de fantoche, limitados e manipulados em nossas ações.

Segundo Zygmunt Bauman, crítico da sociedade atual, vivemos numa era de total exclusão social, no qual o conceito de comunidade se opõe à sociedade que estamos presentes nos dias de hoje. Concretizamos essa informação, pela tamanha desigualdade social referente ao Brasil, onde aquele que tem maior condição financeira se faz superior ao de menor condição pelo que possui e não pelo que realmente é. A fome de poder aumentam a cada dia e as catracas da vida aumentam, impedindo as pessoas que têm dificuldade de serem quem realmente são, por não se sentirem ou por serem excluídas de uma sociedade que as pessoas são diferentes e cada um tenta impor suas vontades diante do outro, todavia os que possuem mais dinheiro são mais influentes e conseguem se impor mais do que os que não tem.

Para que a descatracalização aconteça, deve haver uma intervenção da educação antes de tudo, para que saibamos respeitar e exigir respeito nos momentos de decisões e escolhas. Esse processo só irá acontecer no momento em que cada um conseguir ser quem realmente é e ser aceito ou, no mínimo respeitado, por suas ações e escolhas e não serem controlados e terem controle sobre si. Cada um não pode dizer o que é correto ou verdade, até porque, como diria João Ubaldo Ribeiro, “não existem verdades, apenas versões”. Cada um tem a sua própria versão e devemos segui-la e ultrapassar as catracas que aparecerão à sua frente ao longo da vida. A escola, que é essencial na educação, seria fundamental esse momento, por possibilitar a abertura da nossa mente no momento de olhar para o outro e para si mesmo.

Léa Maria Amorim (2º EM/2017)

Com o avanço da sociedade, podemos ver cada vez mais em nosso cotidiano a existência de catracas, que são utilizadas para controlar e manipular as pessoas. Esses objetos estão distribuídos entre as diversas esferas da sociedade, podendo ser físicos ou “invisíveis”, tendo como exemplo os condomínios fechados e a mídia, respectivamente. A descatracalização da sociedade é de extrema importância, já que dá aos cidadãos maior liberdade e os iguala perante a lei, o que é previsto constitucionalmente.

A maior catraca que encontramos em nossa sociedade é, sem dúvidas, o capital, que pode ser considerado tanto uma catraca visível quanto invisível. Este muitas vezes limita as pessoas e segrega a sociedade. Temos um forte exemplo deste fenômeno na obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, onde Miranda, personagem de condição social mais elevada, possui mais facilidade em prosperar do que João Romão, de classe social mais baixa. O dinheiro, como catraca visível, está presente no fato de que, no Brasil, precisamos pagar para ter acesso a maioria dos serviços de qualidade, enquanto como invisível, podemos perceber que certos espaços são frequentados apenas por pessoas de uma única classe social.

Os problemas da catracalização devem ser combatidos principalmente através de suas causas, sendo essas: a dificuldade de acesso à educação, o preconceito, o racismo e a intolerância religiosa, que, ao serem praticadas, ferem os direitos humanos. Além disso, os cidadãos perdem bastante dos seus direitos constitucionais, já que pessoas deixam de ser tratadas de forma igual e justa perante a lei. Um exemplo é o de que pessoas de condição financeira superior podem contratar advogados melhores, assim possuindo mais chances de ganhar processos. Esses serviços de qualidade, por serem protegidos por catracas, tornam a sociedade cada vez mais injusta.

É de fundamental importância que a existência das catracas e de suas consequências, tanto visíveis quanto invisíveis, seja de conhecimento público, já que apenas com a união de toda a população podemos vencê-las. Uma solução possível é a criação de políticas públicas que visem igualar as oportunidades para todos os brasileiros e um maior combate sobre a discriminação. Apenas com o rompimento dessas catracas podemos ter uma sociedade igual e justa para todos.

Gustavo Oliveira (2º EM/2017)

Está na hora de cuspir de volta o lixo

A Legião Urbana já declarava que “desde pequenos nós comemos lixo”, um lixo industrial e comercial que satisfaz a população cega e sem voz. A descatracalização dará fim a uma sociedade brasileira manipulada pela mídia, tornando a liberdade de expressão um bem comum e respeitado.

O abrir dos olhos se dá quando o telespectador tem condições de filtrar tudo que a mídia oferece, criando, portanto, seu próprio ponto de vista. Atualmente, todavia, a industrial cultural, conceito introduzido pela Escola de Frankfurt, domina completamente o que deve ser visto, vestido e comido, além de determinar o certo e o errado. O Brasil se faz de fantoche e compra tudo que é produzido, mas, infelizmente, a maioria da população não consegue filtrar e analisar o produto e acaba reproduzindo sempre o mesmo discurso da mídia. Essa, por sua vez, se torna uma grande catraca.

Mudaram as estações: de Geração Coca-Cola para Geração Globo-Veja-Carta Capital, ou seja, nada mudou. O desenvolvimento de alta tecnologia possibilitou uma vasta gama de informações e opiniões, dando possibilidade de escolha para o usuário, mas mesmo assim, ainda é imposto um padrão a se seguir. Como dia Marcuse, a tecnologia vem sendo utilizada como um meio de manipulação em massa que atende às ideologias das classes dominantes. A população está condenada a ficar presa nesse mito da caverna? Ou será que é possível se livrar das correntes e desfrutar do mundo livremente?

Em face de tudo apresentado, é evidente que uma revolução, desde que seja democrática, é capaz de jogar fora todo esse lixo que é comido pelos brasileiros e passar por cima de todas as catracas. A liberdade de expressão é prioridade, direito, e pode ser efetivada com uma educação geral para formar indivíduos pensantes. A obrigatoriedade das disciplinas de Ciências Humanas e Artes limitarão o número de cidadãos alheios e manipuláveis. A busca por outros pontos de vista e o fim da polarização de discussões também é extremamente eficiente e importante para descatracalizar a vida.

Joaquim Afonso Bacellar Batista de Siqueira (2º EM/2017)

Assim como a liberdade é um ponto fundamental na teoria de Immanuel Kant, na sociedade brasileira atual, é imprescindível que se ponha um fim na catracalização, já que esta fere uma máxima da constituição: a autonomia. Além disso, o controle das ações cria brechas para a intensificação de estereótipos e, conseqüentemente, preconceitos.

A necessidade de passar por catracas invisíveis para ser aceito na sociedade não é um problema atual, visto que a independência do cidadão é anulada por meio de forças coercitivas, caracterizadas por Durkheim como “coerção social”, desde que o homem deixou seu estado natural e passou a viver em coletividade. Estas atitudes, entretanto, criam um contexto que acaba com a soberania individual, pois as pessoas “esquecem” suas verdadeiras vontades para tentar se encaixar nas regras de um grupo por medo de serem criticadas ou excluídas.

Os excessos de controles, alimentados pela mídia também instituem padrões difíceis de serem rompidos, criando um caminho perfeito para a instalação de preconceitos, como alega Adorno, estudioso da Indústria cultural que afirmou: “a mídia cria certos estereótipos que tiram a liberdade de pensamento dos espectadores”. A ditadura da beleza é uma amostra de como todos estão fadados a agir e pensar de um determinado modo a fim de passar na catraca e receber a aprovação dos demais. Contudo, a pior parte é: se alguém não quiser aderir ao que é imposto, é colocado à margem e, automaticamente, taxado como errado, como é feito com os gordos.

Portanto, torna-se evidente a necessidade de criar soluções para descatracalizar a sociedade. Para isso, é preciso evidenciar as catracas e arrancá-las de onde estão, fazendo com que as escolas valorizem obras e reflexões as quais mostrem ao aluno que a sua verdade não é a única. Além disso, os pais devem educar seus filhos para que eles não construam as catracas, mostrando-lhes que as pessoas são diferentes, mas todas merecem receber tratamentos igualitários.

Cristiana Bello Dultra Nogueira (2º EM/2017)

Na sociedade capitalista em que vivemos, na qual tudo virou uma competição, as pessoas passam constantemente por “catracas”. Essas catracas que controlam o movimento de indivíduos conduzem-nos de forma padronizada. A existência de algumas delas torna a vida em sociedade possível, mas muitas outras são negativas para a formação dos cidadãos. A vida das pessoas está se tornando “catracalizada” e a existência de tantos padrões traz consequências para a vida dos indivíduos e para a convivência em sociedade.

As pessoas passam diariamente por catracas visíveis e/ou invisíveis. As visíveis, mais fáceis de serem identificadas, encontram-se nas leis, por exemplo, que limitam as pessoas e determinam de que forma elas devem agir para que a vida em sociedade funcione. Existem, porém, catracas invisíveis pelas quais as pessoas passam ainda mais frequentemente: os padrões propostos pela mídia e aceitos, mesmo que inconscientemente, pela sociedade; ou as “leis do bom senso”. Essas “leis” não são oficiais nem estão escritas como as leis do Estado, mas são aceitas inconscientemente pelas pessoas, seguindo o conceito de “coerção social espontânea” de Durkheim.

Por conta da quantidade de paradigmas aos quais as pessoas se submetem, a vida destas está se padronizando. O conceito de “indústria cultural”, criado pela Escola de Frankfurt, critica o fato de cultura estar sendo produzida em massa, perdendo sua essência. Podemos aplicá-lo à “catracalização da vida”, já que, assim como a cultura, as próprias pessoas e seus ideais estão se padronizando. Os moldes existentes na sociedade provocam constantes competições entre os indivíduos, que buscam se encaixar no “bonito” e “correto” e acabam discriminando tudo aquilo que foge desse padrão, cultivando vários problemas sociais, como o racismo e a intolerância religiosa.

Percebe-se, portanto, que a presença de algumas regras é necessária para tornar possível a convivência entre as pessoas, por outro lado outras mostram que a “descatracalização” da vida é algo sobre o que refletir. Claro que cabe ao governo uma parte da luta contra a discriminação, promovendo campanhas contra a padronização excessiva e trabalhando na educação da população, mas a maior responsabilidade está nas mãos dos próprios cidadãos. Estes devem lutar por uma sociedade melhor, respeitar o outro, procurar conhecer mais e julgar menos, percebendo que, apesar de diferentes, somos todos humanos e que boa parte dos padrões que seguimos é, na verdade, desnecessária. Há catracas pelas quais, como cidadãos, não temos o dever de passar e cabe a nós a iniciativa de encontrar um outro caminho a seguir.

Natália Mota (2º EM/2017)

Catracas são mecanismos de controle para direcionar as pessoas. Elas separam e manipulam os indivíduos. Na sociedade, existem as catracas invisíveis, que são das quais devemos nos livrar, já que trazem resultados negativos.

Essas catracas devem ser eliminadas, já que são segregantes. Um exemplo são os muros que dividem as classes econômicas. Eles separam os ricos dos pobres, as favelas dos bairros nobres, onde seus moradores são privilegiados e protegidos dos que vivem do outro lado. Como afirma Rousseau, a liberdade do homem está ameaçada, pois há desigualdade; ou seja, quanto mais desigualdade houver, por mais barreiras teremos que passar. Essa desigualdade social é proveniente da colonização, pois, quando foi aprovada a Lei Áurea, que libertou os escravos da escravidão, não foram feitos processos de inclusão destes na sociedade, para sobreviver. Até hoje essas pessoas não foram incluídas.

Outro motivo para a descatracalização da vida é que assim nos livraremos dos mecanismos manipuladores, como a mídia. Esta tem o poder de criar padrões e fazer-nos segui-los. Desta forma, quem não estiver fazendo o que a mídia "impõe" não estará incluso nos meios sociais. Um exemplo são os padrões de beleza, no qual, quem não tiver determinado corpo, determinado cabelo, determinado rosto etc., não é considerado bonito(a).

A descatracalização é totalmente necessária e urgente, pois, com as catracas, não vivemos em uma sociedade, e sim em sociedades separadas, nas quais as pessoas não vivem a própria vida da forma que querem, porque estão sempre tentando manter-se dentro dos padrões. Visando a união da sociedade e uma vida "livre", os indivíduos devem valorizar quem são e aceitar e respeitar as diferenças dos outros, quaisquer que sejam elas.

Marianna Deprá (2º EM/2017)

Hoje, vivemos em uma sociedade em que a mecanização dos nossos atos se sobrepõe aos nossos desejos pessoais. Diante de uma rotina diária agitada, não percebemos os parâmetros sociais que são impostos. Assim sendo, as nossas atitudes são guiadas por um manual de instruções que não necessariamente está escrito, mas que já está no inconsciente das pessoas. Desse modo, promover a descatracalização das nossas vidas é essencial, visto que quebrar com barreiras sociais, romper com o excesso de controle e extinguir preconceitos viabilizam uma maior autonomia pessoal.

O filósofo Zygmunt Bauman, através de diversos estudos, concluiu que estamos vivenciando uma “modernidade líquida”, conceito que demonstra o momento atual da nossa sociedade, no qual as relações se tornaram instáveis e imprevisíveis. Em um mundo altamente globalizado, a comunicação se tornou mais fácil, e juntamente com isso a ambição capitalista infiltrou-se nas interações sociais. Tendo em vista que o objetivo é gerar cada vez mais capital, terminamos por realizar tarefas que nos deixam alienados e robotizados, devido a tantas repetições. Dessa maneira, somos controlados pelo dinheiro, o que pode gerar uma insatisfação. Portanto, estaremos nos esforçando cada vez mais para atingir objetivos de uma sociedade mecanizada, da qual nos tornamos reféns do capital. Com isso, as relações findam-se superficiais, já que não temos estabilidade dos nossos próprios desejos.

As catracas invisíveis que encontramos ao nosso redor servem para determinar o que devemos fazer ou não. Mas também temos catracas visíveis, como, por exemplo, as barreiras sociais que apresentam-se como obstáculo para o progresso do nosso país. A desigualdade social é fruto da falta de oportunidade das camadas sociais menos favorecidas que não possuem acesso à qualificação profissional, por conseguinte o resultado é a falta de empregos, já que as vagas são preenchidas por pessoal que possuem competência profissional elevada. Sem dúvida, a desigualdade de renda está mais evidente em nossa sociedade, pois sem igualdades na educação, o prejuízo é o desequilíbrio de oportunidades. Porém, esse fenômeno pode ser encontrado desde o Brasil Colônia, em que Portugal detinha os recursos advindos da nossa nação que eram administrados por pessoas designadas da Cora, cuja relação de desigualdade se estabelecia entre os senhores e escravos.

Portanto, são necessárias medidas para que o atual cenário brasileiro seja modificado. Em primeira instância, devemos considerar como primordial ações do Estado que visem à inclusão social por meio de projetos que busquem oportunidades, como grupos de apoio educacionais. Além disto, é importante a promoção de debates para a discussão do futuro da nossa nação.

Yasmin Andrade Lima Leal (2º EM/2017)

A arte para Hipócrates

Durante o decorrer da história humana, a arte sempre se manteve presente como meio de representação de si e de demonstração da vida e identidade de um grupo, a exemplo das civilizações primitivas. Agora, na contemporaneidade, a arte invade a cena dos tratamentos psicológicos e, através da arteterapia, escreve suas linhas no desenvolver dos conhecimentos das áreas de saúde, promovendo uma melhor relação de compreensão do médico com seu paciente e o autoconhecimento do próprio paciente.

Para Hipócrates, o dever do médico passa por fazer seu o sofrimento do enfermo, prezando pela relação médico-paciente, na qual a arteterapia pode exercer papel fundamental. Trazido pelo Brasil pela médica Nise da Silveira, serviu para substituir os excruciantes tratamentos psiquiátricos por vias que permitissem aos internados uma maneira de se expressar e revelarem sua personalidade ao médico. Dessa forma, a terapia de tratamento artístico mostrou seu caráter de alteridade à medicina, podendo ser mais explorada e vinculada à área.

Concomitantemente, a importância da arteterapia vai além do que toca o médico, se relacionando com o paciente e abrindo novas oportunidades do próprio se autoconhecer. Levando em consideração as teorias freudianas do inconsciente humano e sua influência na arte surrealista, observa-se que a arte de fato pode ser usada como recurso terapêutico, pois, no momento em que o indivíduo produz uma obra, revela nesta aquilo que estava suprimido em sua inconsciência, então facilitando o tratamento.

Levando em conta essas considerações a respeito da arteterapia na saúde mental e fisiológica, é preciso, para uma medicina mais humana, aliar os ensinamentos do grego ao humanismo de Patch Adams. Portanto, a arte deve fazer parte da formação dos médicos, como matéria nos cursos sob a exigência de se desenvolver, através dela, processos terapêuticos.

Gabriel Araújo (3º EM em 2016)

“Autocrítica e autoconhecimento: caminhos para o outro”

Estado Islâmico. Colonização ibérica. Cruzadas. Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Guerra do Peloponeso. Não há dúvidas: o discurso etnocêntrico e a falta de empatia foram os principais responsáveis pelos inúmeros empreendimentos bélicos ao longo da História humana. Essa ideologia foi o principal meio utilizado para justificar os fins – comerciais e religiosos – das elites, combinado com uma profunda promoção da falta de compreensão emocional do outro. Entretanto, o etnocentrismo não é intrínseco ao ser humano: é apenas um estigma – e, como tal, precisa ser desconstruído através do conhecimento e da desmistificação.

Durante toda a História, o ser humano se armou de artifícios para justificar suas jornadas de dominação – e o discurso etnocêntrico esteve presente em todos os momentos: a superioridade racial sempre andou ao lado dos interesses comerciais ou religiosos das elites, juntamente com uma grande transfiguração negativa da cultura do inimigo. É o caso do Nazismo, do Macarthismo e até das duas principais religiões do mundo – o Cristianismo e o Islamismo -, que apresentam em seus alicerces versículos contendo ideais imperialistas baseados no etnocentrismo. Tendo em mente que as religiões são pontos-chave de formação das diversas culturas ao redor do planeta – a ponto de a cultura ocidental ser chamada de “judaico-cristã” -, é natural que civilizações que cresceram sob tais estruturas tenham enraizados ideais etnocêntricos.

Contudo, tal pensamento não é inerente ao homem: ele foi construído ao longo dos séculos, moldado por elites que procuravam justificar seus empreendimentos econômicos. É uma extrapolação da teoria da ideologia dominante de Marx: ideias são criadas para sustentar as bases dos interesses das elites e são assimiladas pelas classes mais baixas. E, durante todos os períodos históricos, tais bases sofreram grande resistência dos povos – prova disso são as inúmeras personalidades históricas que, ao longo dos séculos, batalham contra esse ideal e deixam suas marcas no mundo. É por isso que Jesus, Buda, Gandhi e vários outros são lembrados até os dias atuais: por suas lições que tratam de autocrítica, autoconhecimento e como chegar ao outro harmoniosa e pacificamente.

Por fim, é importante ressaltar: existem inúmeros meios de combater o discurso etnocêntrico e desconstruir tal preconceito. A principal ferramenta para isso é o conhecimento: assim como disse Sócrates, a sabedoria é a arma fundamental do ser humano contra ideologias manipulatórias, tais como o etnocentrismo. Um espírito crítico, combinado com a habilidade empática – fundamental para o desenvolvimento da espécie humana – são a salvação da Humanidade frente ao mal do etnocentrismo. O relativismo cultural de Protágoras será o algoz do maniqueísmo ideológico.

Lucas Leal (3º EM em 2015)

Redução da maioria penal

Solução ou Ilusão?

A redução da maioria penal, como solução para a falta de segurança pública, é uma alternativa hipócrita que consolida a incompetência do Estado em tutelar seus jovens: é um artifício que trata do efeito e não da causa. Muito mais importa, portanto, lidar com a origem e o princípio da violência que arquitetar soluções simplistas para punir aqueles já desprotegidos pela sociedade e colocá-los, cada vez mais cedo, nas penitenciárias. Aliás, que não se perca de vista que o sistema carcerário brasileiro é extremamente precário, além de ser o quarto mais populoso do mundo, e, por isso, a anexação de adolescentes às masmorras penitenciárias não é, nem de longe, uma postura socioeducativa que livrará o jovem infrator do destino do crime.

A incorporação dos adolescentes à criminalidade está explicitamente associada ao contexto sociocultural ao qual estão submetidos. A pobreza, o racismo, a violência e a evasão escolar são as principais razões que impelem os jovens a se envolver com a ilegalidade. Não raro, os sujeitos submetidos aos problemas mencionados correspondem à mesma parcela desfavorecida de sempre. Eis, então, a responsabilidade emergente e indispensável de o Estado se ocupar em extinguir a pobreza e o racismo e investir na educação pública – de modo a atrair os jovens para ingressarem nas escolas – antes de adotar posturas punitivas.

Em consonância, o sistema carcerário, assim como não é capaz de comportar a entrada de mais presos, em nada facilita a reeducação do jovem infrator. Os presídios brasileiros, reconhecidos por serem densamente povoados, não oferecem nenhum tipo de experiência que venha a contribuir para a reeducação desses jovens. Pelo contrário: o ingresso precoce de adolescentes nas cadeias os expõem à violência física e sexual, claramente recorrentes no ambiente penitenciário. De que forma retornariam esses jovens à sociedade, depois de libertados?

Em síntese, a redução da maioria penal é um mecanismo que só serviria para produzir mais violência contra os mesmos jovens injustiçados e historicamente excluídos. De fato, é mais simples empurrá-los para os abismos penitenciários que buscar enfrentar a real violência física, moral e social por eles sofrida. Convém, portanto, analisar a verdadeira intenção desse ato anticonstitucional: será ela a solução para a violência ou a produção de mais hostilidade?

Beatrice Santiago (3º EM em 2015)

“As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia”

Diante de intensa discriminação, violência e marginalização, os povos indígenas do sul da Bahia sofrem as amargas consequências do processo de demarcação de terras indígenas (TIs) na região. O reconhecimento dos seus direitos é crucial, uma vez que são segmentos historicamente oprimidos, assim como são alvos de coberturas parciais e preconceituosas da situação, por parte dos meios de comunicação.

No livro “O Povo Brasileiro”, o antropólogo Darcy Ribeiro narra o processo de constituição da sociedade multiétnica brasileira a partir de três matrizes primordiais: africanos, portugueses e indígenas. No entanto, essa miscigenação não ocorreu de forma predominantemente pacífica. O genocídio e etnocídio das culturas indígenas foram os calamitosos resultados da colonização portuguesa no Brasil. Atualmente, ainda permanecem penosos resquícios desse processo, preconceitos e estereótipos que atormentam os povos indígenas há mais de 500 anos. Acredita-se que os Tupinambás, no sul da Bahia, tenham sido os pioneiros a estabelecer contato com os colonizadores e, desde então, lutam para manter-se nas terras originalmente ocupadas. No século XIX, intensificou-se o avanço de não-índios na região, objetivando o plantio de cana-de-açúcar. Esse povo, historicamente oprimido, hoje, realiza movimentos para a retomada das terras das quais foram expulsos.

Da mesma forma, a mídia nacional e regional dá continuidade à construção da imagem de um indígena com uma inerente índole selvagem, agressiva, descreve-o como um ser parasitário e aproveitador. O mencionado processo desencadeou-se no primeiro contato entre os povos nativos e os portugueses, evidenciado na carta de Pêro Vaz de Caminha, no trecho “Os outros dois que o capitão teve nas naus, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais apareceram, de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos.”, o qual revela depreciação do indígena por parte do colonizador. Essa estereotipação é alarmante, visto que intensifica o ódio e o preconceito contra os indígenas. Esta se revela na sugestão de emboscada dos povos do sul da Bahia, feita por Rivamar Mesquita durante a transmissão do programa “Novo Amanhecer”, da Rádio Jornal de Itabuna. Atos como este agravam as tensões geradas pela demarcação de TIs na região e ameaçam a segurança e o bem-estar desses povos.

É incontestável a importância dos indígenas para a formação do povo brasileiro, porém estes continuam a ser oprimidos e marginalizados. Medidas devem ser implantadas com o intuito de reduzir o preconceito contra esses povos, aliviar a tensão e garantir justiça no processo de demarcação de terras no sul da Bahia. A valorização da cultura indígena nas escolas, através discussões e brincadeiras, assim como a não-aprovação da PEC 215/00 são

essenciais para o cumprimento desses objetivos, uma vez que esta transferiria as decisões sobre as demarcações do Executivo para o Congresso Nacional. Neste fórum, há uma ampla bancada ruralista, o que dificultaria mais um julgamento imparcial e justo da situação.

Gabriela Afonso Pereira (3º EM em 2015)

“As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia”

Os embates acerca da demarcação de TI's no sul da Bahia estão chegando a um ponto crítico de violência. É inevitável culpar as instituições estaduais e federais pelo quadro violento que se consolidou na região em foco, visto que os dois polos da discussão esperam por atitudes tanto da Funai quanto dos líderes do Executivo – Governador e Presidente – que nunca acontecem. Acresce que, tendo em perspectiva as projeções de crescimento nacional e a crise política instaurada no país, ações governamentais para a contenção dos embates e a demarcação da TI Tupinambá não chegarão com a velocidade desejada.

É evidente que as instituições tais como a Funai e os governos estadual e federal têm responsabilidade direta sobre as inúmeras mortes geradas na região de Itabuna, decorrentes da guerra entre índios e não-índios. A violência foi o método encontrado – pelas duas frentes – para resolver uma situação – que perdura por décadas – negligenciada pelas instituições legais. E como ela não vem sendo reprimida, os dois lados do combate desenvolvem suas estratégias – os indígenas, para sobreviver e ganhar território; os não-índios, para consolidar seus negócios e interesses na região. Por isso, se dá o aumento de casos de assassinato, sequestro, lutas armadas e feridos na região de conflito.

E o problema não será solucionado a curto prazo: a crise do governo Dilma obrigará o presidente a reduzir a velocidade das mudanças sociais. São muitos os fatores que sustentam esse quadro: o ministério claramente conservador; o corte de gastos, que diminuirá a funcionalidade já diminuta da Funai; o legislativo, voltado aos interesses do agronegócio; e a recente eleição de Rui Costa para governador da Bahia, que seguirá a mesma linha intransigente de Jaques Wagner. Sem a força política para trazer a mudança, Dilma não terá meios para alterar a situação.

No entanto, o uso e a criação de várias Medidas Provisórias voltadas para o apaziguamento dos ânimos na região podem ser um caminho. As MPs são a melhor solução a curto prazo para que, ao menos, a mortandade cesse. Uma vez que a situação volte a estar sob controle do Governo, a negociação será a solução ideal - com a ajuda de Rui Costa – para o fim do atrito entre as comunidades.

Lucas Leal (3º EM em 2015)

“As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia”

As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia representam um fenômeno de escala nacional que nunca ocorre sem atritos. Sendo os índios vítimas de mais de cinco séculos de exploração, a demarcação de terra é não só um direito previsto na Constituição, como também uma política de retificação de injustiças a que eles foram submetidos do período colonial aos dias atuais.

Há 500 anos, os índios estavam espalhados no que mais tarde veio a se chamar de Brasil. Do primeiro contato, na região do Monte Pascoal, no sul da Bahia, se disseminaram doenças, que resultaram na morte de milhões de índios. Posteriormente, as “guerras justas” - assim chamadas pelos colonizadores - mataram outros milhares e esses índios, que ocupavam todo o território, foram empurrados para dentro por Bandeirantes, pelas grandes cidades, rodovias e, hoje, pela fronteira agrícola, principalmente pela soja e o gado. Os índios de Ilhéus são um foco de resistência a esse processo.

Como previsto na Constituição por diversas reformas legislativas, a primeira em 1973 pelo Estatuto do Índio e, posteriormente, pela constituição de 1988, a demarcação de TI's (territórios indígenas) é dever da União, que se comprometeu, em um período de seis anos após 1988, a efetivar esses territórios e tomar as providências necessárias para assegurar o cumprimento e a segurança das populações indígenas. No Brasil, infelizmente teoria e prática não concomitam devido a interesses de ruralistas que são amplamente representados no Congresso.

Uma proposta polêmica é a PEC 215, que delega ao poder legislativo o dever de aprovar futuros TI's, algo absurdo, já que é função da União, ou seja, do poder executivo, estabelecer essa política, independente do estado, sendo ele Bahia, Roraima, Mato Grosso ou etc. A implantação de TI's é uma política nacional que precisa de órgãos competentes e fortificados como a FUNAI.

Ao Estado cabe fortalecer órgãos responsáveis como a FUNAI para que se tenha um estudo que seja condizente com a realidade e que não seja influenciado por interesses de terceiros. Ao poder executivo, é necessária uma implantação efetiva dos direitos indígenas e, junto com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), desenvolver uma política de realocação das populações não indígenas.

Luan Max Busch (3º EM em 2015)

“As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia”

A Constituição Federativa do Brasil, em seu artigo 231, retrata a inviolabilidade dos direitos indígenas, inclusive o de terras. Dessa forma, as constantes tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia, mostram-se absurdas e desrespeitosas, haja vista que o direito constitucional do indígena não deve ser infringido. Ademais, há o papel paradoxal do Estado, que faz parte das coligações contra as ações de retomada, enquanto deveria combatê-las em prol da democracia.

Desde o início da colonização, os portugueses reprimiram tristemente os indígenas, causando-lhes não somente um genocídio, como um intenso etnocídio. Essa realidade perpetua-se até a contemporaneidade, indo de encontro com a Constituição Cidadã, cujo intuito é resguardar os direitos dos cidadãos, como o da pequena parcela existente de índios. Eles, em especial os Tupinambás do sul da Bahia, desde 2000, lutam pela retomada de territórios tomados ilegalmente. Foram 70 índios assassinados em território Tupinambá devido a essas tensões e o Estado nada fez e nada faz. Tal realidade decrépita e desumana mostra um processo de violência e tortura a que indígenas estão submetidos, no qual é visível a valorização dos interesses capitalistas em detrimento dos direitos indígenas.

O grande responsável por essa problemática é o Estado, tanto federal como estadual da Bahia. Um exemplo é o ato incompreensível do ministro da justiça, José Eduardo Cardozo, ao não assinar a portaria declaratória dos territórios tradicionalmente indígenas, mostrando a ineficácia do Governo na finalização do processo. No âmbito estadual, o ex-governador da Bahia, Jaques Wagner, pediu a militarização da área dos Tupinambás de Olivença. Logo, percebe-se que há uma forte frente contra a demarcação, que possui o apoio dos Estados, causando toda uma tensão. Sendo assim, é indubitável que as ações de retomada se concretizem com o apoio da União, para que, assim, o lema Ordem e Progresso impresso na bandeira nacional seja, de fato, uma realidade.

Enfim, a postura governamental deve mudar perante tal situação, resguardando, como na teoria, a constitucionalidade do direito indígena, para que as tensões cessem. É primordial que se efetive a demarcação do território no sul da Bahia, por meio da aceitação da portaria declaratória para que ocorra uma fiscalização mais rígida, por meio de multas, penalizações e prisões àqueles que invadirem o território em questão. Outra solução seria uma maior quantidade de ONGS para estimular a preservação e integridade dos indígenas, visto que se trata de uma problemática complexa, que deve ter toda uma mobilização por meio de atos humanitários.

Maria Eduarda Freitas Uchiyama (3º EM em 2015)

“As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia”

Infelizmente, os índios Tupinambás, residentes no sul da Bahia, não estão sendo tratados de acordo com sua importância histórica e cultural. Há mais de uma década reivindicam suas terras, porém interesses externos impossibilitam os índios a receberem o que lhes pertence por direito, resultando, assim, em uma série de tensões. Por certo, é imprescindível que haja uma proteção aos indígenas, o que não ocorre de forma eficaz no sul da Bahia. Indubitavelmente, a preservação dos índios e de suas terras é um requisito básico para que o Brasil conserve a pequena parcela ainda existente dessa população, oriunda de sua raiz histórica. Assim, evidencia-se a necessidade da existência de uma real demarcação de terras no sul da Bahia juntamente com a defesa dos interesses indígenas, para que haja uma significativa redução das tensões geradas.

Historicamente, tribos indígenas têm os seus direitos suprimidos pelo restante da sociedade, que visa apenas aos próprios interesses. Nos dias atuais, a situação permanece inalterada desde o período de colonização, em que os portugueses sobrepuseram seus interesses aos dos índios. De acordo com o sociólogo Darcy Ribeiro, os interesses de determinadas parcelas da sociedade - principalmente as mais favorecidas - sempre possuíram maior notabilidade do que os das tribos indígenas. Dessa forma, fica evidenciado o descaso da população e do Estado brasileiro para com os índios. Entretanto, esse descaso traz inúmeros malefícios para a sociedade brasileira, tendo em vista a riqueza cultural existente nas sociedades indígenas.

Portanto, é essencial que tribos, como a Tupinambá, sejam efetivamente protegidas e defendidas. Ainda de acordo com o sociólogo, não há nenhum órgão governamental que conserve e defenda os índios de forma competente e eficaz. Atualmente, as instituições que, em teoria, possuem essa função, são pouco atuantes. Um país como o Brasil não preservar a sua população indígena configura uma imensa incoerência, tendo em vista que grande parte dessa população foi dizimada, cabendo ao Estado preservar a pequena parcela restante. Portanto, para que os índios tenham seus direitos assegurados, é necessário que eles sejam assistidos de forma responsável, condizente com a importância dessa população.

Dessa forma, com o objetivo de eliminar as tensões geradas no sul da Bahia, faz-se necessária uma real defesa dos direitos dos Tupinambás. Para que isso ocorra, é preciso extinguir os atuais órgãos de proteção ao índio e elaborar novos, atualizados e modernos, que possam atuar de forma eficiente. Além disso, é de fundamental importância a criação de medidas sócio-educacionais, com o objetivo de defender os índios, por parte do Estado, para que a importante cultura seja preservada. Para que isso de fato ocorra, é

indispensável um grande investimento financeiro por parte do Governo Federal. Por fim, para que as tensões geradas nos sul da Bahia sejam reduzidas, é necessário que os índios sejam tratados de acordo com sua importância.

Felipe Cruz (3º EM em 2015)

“As tensões geradas pelo processo de demarcação de terras indígenas no sul da Bahia”

A demarcação das terras indígenas no sul da Bahia tem que ser aprovada o mais rápido possível. Enquanto ela não entra em vigor, os conflitos entre tupinambás e os grandes fazendeiros continuará a crescer e gerar vítimas. Além disso, é dever do Estado oficializar esses territórios para corrigir uma injustiça histórica.

Ao se analisar a história da América Latina, é impossível não perceber o extermínio dos indígenas que aqui viviam. O problema é que os assassinatos continuam até hoje. Como foi relatado por Tupinambás do sul da Bahia, frequentemente há ataques violentos contra pessoas da sua tribo que acabam normalmente em morte de inocentes. Os índios lutam para ter uma parte da terra de volta e são massacrados, sendo que a situação piorou quando o Ministério da Defesa decidiu colocar uma tropa do exército brasileiro para estabelecer bases na região e começou a marginalizá-los.

É importante ressaltar que as tribos que ainda vivem em Olivença são descendentes dos indígenas que sobreviveram no local devido às missões jesuítas, e, desde que estas acabaram, eles passaram a viver à própria sorte, trabalhando como escravos, até serem reconhecidos pela FUNAI. Ainda assim, eles não ganharam a terra à qual têm direito. Se o Governo foi capaz de aplicar a lei de cotas para o ingresso em Universidades públicas, por que não aprovar o território indígena? Porque os latifundiários possuem poder no congresso e na região.

Por fim, o ciclo fica evidente. Os Tupinambás reivindicam a terra, os fazendeiros impedem a aprovação e aniquilam os inocentes. Por isso, é necessário que o Estado se liberte dos interesses latifundiários e aprove a demarcação. Cada um deve ter sua terra e respeitar a do outro.

Maria Clara Siqueira (3º EM em 2015)

Na sociedade moderna atual, infelizmente, os valores morais estão quase extintos e o julgamento das pessoas é baseado no “ter”, e não no “ser”. Devido a essa realidade, uma multidão acaba se rendendo à pressão social do ter, e passa a nutrir uma péssima qualidade de vida, na qual apenas os prazeres mundanos importam.

O consumismo é tão presente na modernidade, que além de ter sido apelidada de “sociedade do consumo”, a sociedade foi criticada pelo filósofo húngaro, István Mészáros, que disse que ela é descartável e que se baseia na taxa de uso decrescente dos bens e serviços produzidos. Uma razão para essa nomeação foi a revolução industrial no século XVIII, revolução esta que veio escoltada pelo desenvolvimento econômico e o consumismo alienado. Os prazeres mundanos supracitados são facilmente percebidos quando se forma uma fila quilométrica que se estende por dias até o lançamento de um novo celular. O neofilismo – desejo do novo a todo o momento – que nasceu através do consumismo, está desfigurando o conceito de felicidade.

Esse neofilismo tem uma causa, e esta já foi muito discutida por filósofos e economistas. O desejo exacerbado pelo novo se deve a apologia que é feita pela mídia de que se deve buscar sempre o acúmulo de riquezas e nunca estar satisfeito. O filósofo e economista francês, Serge Latouche, se posicionou acerca dessa problemática e proferiu que a publicidade faz com que se deseje tudo o que não se tem e que aquilo que um dia foi aproveitado, seja desprezado em sua totalidade. Isso se torna mais intenso, devido ao fato de que a mídia associou datas comemorativas ao consumo extremo, como no natal, na páscoa e no dia das mães.

É impossível exterminar as propagandas existentes atualmente, não obstante, é possível diminuir o consumo dos supérfluos e passar a comprar apenas o necessário. Esse poder está nas mãos do cidadão – que tem uma parcela muito grande de culpa na inversão dos valores morais supracitados, afinal foram eles que deixaram de ser consumidores e passaram a ser consumistas.

Matheus Pinheiro (3º EM em 2014)

Old but gold

A prova de que nem tudo pode ser substituído na atualidade

Hoje em dia, séries e mais séries de televisão são criadas, umas mais modernas que as outras e as séries mais antigas vêm perdendo seu espaço no mercado, com a exceção da série norte-americana “Friends”.

Mesmo sendo do século passado (1994-2004), “Friends” continua muito popular e bem falada por qualquer um que assista. A série de comédia teve seu episódio final visto por 52,5 milhões de telespectadores estadunidenses e vem sendo vista pelas seguintes gerações.

A história dos seis amigos em Nova York apresenta um humor que continua a arrancar gargalhadas de quem assiste, além dos ótimos exemplos de apoio e amizade que se fortalecem no decorrer das temporadas.

Ross (David Schwimmer), Rachel (Jennifer Aniston), Mônica (Courteney Cox), Chandler (Matthew Perry), Joey (Matt LeBlanc) e Phoebe (Lisa Kudrow) renderam 10 temporadas, aumentando o sucesso de uma temporada para outra. Não foi à toa que o sofá do Central Perk, o café onde eles se reuniam para conversar, foi trocado duas vezes por excesso de uso.

O enredo gira em torno dos seis amigos que passam quase o tempo todo juntos (alguns moram juntos), de seus acontecimentos diários e obstáculos que a vida normalmente naturalmente traz para nós. Mônica é a “irmã mais velha” do grupo, trabalha como chef e deseja encontrar o seu par ideal. Ross, irmão mais velho de Mônica, é um paleontólogo recentemente divorciado, com baixa autoestima que tem uma longa paixão por Rachel. Rachel é a garota bonita e alegre, que passou a vida sendo a princesinha mimada pelo pai e tem que aprender a lidar com o mundo real. Chandler é o amigo de colégio de Ross que convive com o trauma do divórcio dos pais e é o que sempre faz as piadas. Phoebe é uma massagista amável e excêntrica, que combina com hippies dos anos 60. E Joey, que sonha em virar um ator reconhecido e tem um relacionamento inverso entre sua boa aparência e sua inteligência.

Esses personagens fizeram sua trilha sonora promocional, “I’ll be there for you”, tão conhecida quanto o programa, pois o significado de existência da série se encontra no refrão da música.

A série criada por David Crane e Marta Kauffman, produzida em associação com a Warner Bros Television, tendo no total 236 episódios com média de 24 minutos cada, arrecadou sete prêmios Emmy, um Globo de Ouro, dois SAG Awards e outros 56 prêmios com 152 nomeações.

“Friends” continua a ser uma forte candidata na hora de escolher uma nova série de comédia para se assistir mesmo depois de dez anos do seu final. É o

tipo de série para nos distrair a qualquer hora, até mesmo com os problemas do nosso cotidiano. A série se transformou em estado de qualidade de forma excepcional e é o tipo da qual quanto mais você assiste, mais que assistir, junto com o exemplo de verdadeira amizade a ser seguido.

Bárbara Rafael (1º EM em 2014)

Maze Runner - Correr ou Morrer

Mais uma distopia com ação do início ao fim. Vai encarar?

Nossa história tem início com o nosso protagonista Thomas, preso em um elevador em movimento e a única coisa que consegue lembrar é seu nome. Sua memória está totalmente apagada e de repente a coisa se abre, revelando vários rapazes que aparentam ter diferentes idades encarando-o. Os meninos o apresentam à Clareira, um gigantesco espaço aberto cercado por imensos muros. Assim como nosso herói, nenhum deles lembra nada - a não ser o próprio nome - e não sabe por que está ali; só sabe que, todas as manhãs, as portas de pedra do Labirinto se abrem e, à noite, se fecham - vale dizer, também, que quem fica preso do lado de fora do Labirinto depois que as portas se fecham não volta vivo - e que, a cada trinta dias, um novo garoto é enviado pela caixa. Mas um fato surpreendente altera a rotina de todos: a chegada de uma garota e a mensagem trazida por ela. Thomas é mais importante do que imagina, e sabe que precisa sobreviver. Sobreviver e correr muito!

Nesse livro (de 2010), James Dashner (o autor) começa a escrever em um ritmo acelerado com esses garotos tendo que sobreviver, presos e sem saber onde estão e por que, e sem nunca deixar desistir, sempre atrás de desvendar o mistério do Labirinto que os cerca. Desse jeito, não fiquei entediada um segundo sequer, pois, a cada novo capítulo, as teorias anteriores vão sendo derrubadas e esse suspense é realmente maravilhoso. Na maior parte do livro, ninguém sabe de muita coisa – muito menos nós, leitores - o que me deixou roendo unhas para desvendar os mistérios do maldito Labirinto, e, quando pensamos que acabou...está só começando.

Me apaixonei pela narrativa do Dashner, que consegue descrever as situações de horror, medo, tristeza, nervosismo e tensão muito bem, além de que o autor consegue utilizar os personagens secundários muito bem, deixando-os mais cativantes do que o protagonista em diversos capítulos. Outro ponto bem interessante e peculiar na escrita do James é como ele "cria" novas gírias para os clareanos - é assim que os meninos da Clareira se autodenominam - dando um toque de comédia, digamos assim, ao livro, ainda mais quando você entende o significado de algumas delas.

Maze Runner - Correr ou Morrer, (The Maze Runner, no original) foca muito bem na trama - infelizmente muito pouco nos personagens - e respondeu a algumas das minhas dúvidas me deixando com muita vontade de ler o resto da série (A Prova de Fogo; A Cura Mortal; Ordem de Extermínio) publicada pela editora V&R, para descobrir o resto das respostas para as minhas perguntas.

Poderemos ver a adaptação desse maravilhoso livro nos cinemas em breve com Dylan O'Brian (Teen Wolf) como o nosso herói Thomas.

Super recomendo para todos que gostam de um bom livro com muita ação, suspense e, é claro, uma ótima e intrigante história.

Ana Carolina Almeida (1º EM em 2014)

Depois dos Vampiros, os Lobisomens...

Série sobre lobisomens e o seu mundo vem conquistando cada vez mais fãs

Depois da febre de vampiros no cinema e no mundo televisivo, como *The Vampire Diaries*, *True Blood*... chegou a vez dos queridos rivais, os lobisomens.

Como o nome mesmo diz, *Teen Wolf* (*Teen Wolf*, no original) é um seriado sobre um adolescente, Scott McCall (Tyler Posey), que, depois de ser mordido por um anormal desconhecido - que não será tão desconhecido assim após alguns episódios - se torna um lobisomem, tem não só a sua vida virada de cabeça pra baixo, como a de todos ao seu redor, a começar pelo seu melhor amigo "Stiles" Stilinski (Dylan O'Brian), a nova namorada - que futuramente será um problema - Allison Argent (Crystal Reed), a popular patricinha Lydia Martin (Holland Roden), o típico garoto esportista Jackson Whittemore (Colton Haynes), entre outros...

Nos primeiros episódios, o que me chama mais atenção é a excelente atuação misteriosa do até então antagonista, Derek Hale (Tyler Hoechlin), que aparece na trama dizendo poder ajudar ao mais novo lobo a se controlar nas luas cheias. Mas Scott não dá ouvidos e acusa Derek de tê-lo transformado - o que descobrimos não ser possível, pois existe uma hierarquia de alfas, betas e ômeegas, na qual só um alfa pode transmutar humanos em lobisomens e o nosso misterioso antagonista é um beta - o que acaba se tornando o primeiro mistério na série: quem e o que transformou o nosso herói?

Ao longo dos mais de trinta episódios exibidos pela MTV Americana, percebemos o desenvolvimento no qual um mistério se interliga com o seguinte - mantendo assim uma cronologia e um nexos - e o amadurecimento dos personagens. Apesar de ter um pano de fundo aparentemente muito simples e óbvio - afinal é um seriado adolescente - as tramas se sobrepõem de tal forma que parecem complexos e impossíveis e isso é interessante no modo como Jeff Davis (produtor da série) trabalha, além do modo como ele explora os personagens secundários os tornando fundamentais para o desenvolvimento da história, assim como o protagonista.

Outras questões a serem pontuadas são as excelentes atuações de Dylan e Holland; os dois trazem tanta vida aos seus personagens que acabam tirando um pouco o foco do casal principal - vale ressaltar que os personagens dos dois não são um casal.

Como toda série adolescente, é claro, tem os seus clichês, mas, repito, ficam encobertos com as maravilhosas e verdadeiras atuações do elenco e os insolúveis mistérios que fazem você querer assistir mais e mais.

Em relação aos efeitos - pois numa série com um tema desses esperam-se grandes efeitos - não são muito bons, porém estão melhorando ao longo das temporadas e, entre uma decepção aqui e ali, Teen Wolf cumpre com o objetivo nas circunstâncias e espaços onde foi proposto e, ao meu ver, passa com louvor.

Um interessante fato é que a ascendente série é baseada no filme Teen Wolf (O Garoto do Futuro, em português), de 1985, dirigido por Rod Daniel e protagonizado por Michael J. Fox. A diferença entre os dois - em relação à história - é que o filme é mais "leve", enquanto a série é mais dramática, sombria...

Depois do sucesso com os vampiros, Teen Wolf marca presença e defende bem o seu tema, provando que lobisomens também fazem sucesso.

Ana Carolina Almeida (1º EM em 2014)

A culpa é das estrelas: “em busca de um milagre da medicina, a paciente terminal Hazel Grace, conhece o grande amor da sua vida, com quem vive desde momentos sufocantes até felizes”

Hazel é uma paciente terminal. Ainda que, por um milagre da medicina, seu tumor tenha encolhido bastante – o que lhe dá a promessa de viver mais alguns anos -, o último capítulo de sua história foi escrito no momento do diagnóstico. Mas, em todo bom enredo há uma reviravolta, e a de Hazel se chama Augustus Waters, um garoto bonito, que, certo dia, apareceu no Grupo de Apoio a crianças com câncer. Juntos, os dois vão preencher o pequeno infinito das páginas em branco de suas vidas.

A história escrita por John Green, em 2012, da Editora Intrínseca, está sendo vendida por R\$ 24,90 e possui 288 páginas de muita inspiração, coragem e uma mistura de alegria e tragédia. Esse autor também é muito conhecido pelo seu trabalho em outros livros como “O teorema Katherine” e “Quem é você Alaska?”. Essas obras foram um grande sucesso nas paradas mundiais como no “The New York Times”, e conquistaram o mundo em um tempo recorde.

Esse livro vale a pena ser lido. Apesar de ser fictício, teve um personagem inspirado em um drama real e, por isso, causa uma sensação de estar lendo uma história verdadeira. Também gera muita curiosidade e ansiedade para ler cada vez mais, fazendo com que o público se identifique e compartilhe os sentimentos dos personagens também.

Enfim, é um livro incrível, que todos devem ter a oportunidade de ler.

Carla Reis (1º EM em 2014)

Extraordinariamente Extraordinário: “não julgue um menino pela cara”

“Extraordinário” é a primeira obra da escritora R.J Palacio, que foi lançado pela Editora Intrínseca. Não é um livro com qualquer história e, sim, uma lição de vida. O livro possui 313 páginas, que narram de vários pontos de vista a vida do August.

August é um garoto de dez anos, que mora com os pais e com a sua irmã, Via. O garoto nasceu com uma deformação facial, que não foi logo descoberta, que botou a sua vida em risco e que, por isso, a sobrevivência dele é considerada milagre. Depois de passar por vinte e três cirurgias, o problema é amenizado, mas ele continua sendo considerado uma aberração. O livro se divide em oito e cada parte é narrada por um personagem que presencia a vida de Auggie, inclusive ele mesmo. A história conta detalhadamente cada nova etapa e desafio dele, como, por exemplo, seu primeiro dia na escola como aluno do quinto ano.

R.J Palacio usou um acontecimento da sua vida (que é narrado no livro com outros personagens) para se inspirar nessa história. Um dia, quando estava na sorveteria com seu filho pequeno, uma criança com deformação chegou e ela percebeu como todos a encaravam, até mesmo seu filho, que estava gritando. A partir daí, ela começou a refletir sobre como deveria ser difícil para o garoto e para sua família ter que passar por tudo isso. Então, surge, de maneira incrível, o livro “Extraordinário”. E devo dizer que o melhor adjetivo para descrever o livro, é o próprio título dele.

O livro está nas lojas custando R\$ 29,90, mas pode ter certeza que a lição que ele nos passa vale muito mais que isso. Uma história fantástica que nos leva a pensar quem somos de verdade quando temos que passar por situações como a do August.

Vitória Quintella (1º EM em 2014)

Midnight Memories: o terceiro álbum da boyband mais famosa do mundo, a One Direction. Vamos conferir?

Você realmente achava que a maior boyband do mundo cometeria algum erro em 2013? Você estava muito enganado! O terceiro álbum do quinteto formado no “The x Factor” ficou em primeiro lugar nas paradas da Billboard e é super inovador, com um estilo mais rock que os outros álbuns da banda, “UpAll Night” e “Take Me Home”. Midnight Memories, como o álbum foi chamado, tenta atingir um público mais maduro, ainda mantendo seu público antigo, o que o deixa ainda mais ansioso com a evolução da banda.

Desta vez, o grupo decidiu apostar mais nas guitarras. Algumas músicas lembram muito os anos 70, como “Little Black Dress”. Outras são mais modernas, como “Happily”. Vamos conferir agora algumas músicas do álbum, começando com “Best Song Ever”, que foi o primeiro single a ser lançado junto com um vídeo muito bem produzido. Esse é o tipo de música que você sabe que vai ser um hit na primeira vez que a ouve. Nos faz lembrar os singles anteriores, “Live While We’re Young” e “What Makes You Beautiful”, que também foram grandes sucessos. Afinal, o que essa banda faz que não é um grande sucesso?

O single “Story Of My Life” foi o segundo a ser lançado. Essa é uma música que atinge o público de todas as idades, por ser mais séria que as outras músicas. A melodia é linda e muito agradável, harmoniosa com a voz dos meninos.

“Midnight Memories” foi o último single a ser lançado, o que deu origem ao nome do álbum. Tem bastante rock e é bem adolescente. Perfeita!

“Strong” é, particularmente, uma das minhas músicas favoritas. Retrata uma história de amor muito comum nos dias de hoje, assim como “You And I”. Essa é uma música bem crua, na qual a voz dos meninos é o que se destaca e os instrumentos são poucos. A letra é linda!

“Happily” é muito agitada, na qual todos os membros da banda cantam o refrão juntos de uma forma cativante, que me faz querer dançar. É o tipo de música chiclete, que gruda na cabeça e não sai mais.

Estes são apenas alguns exemplos das que fizeram muito sucesso, mas o álbum está cheio de outras músicas tão maravilhosas quanto essas. O preço da versão normal na loja do itunes é USD7,99 e a versão com faixas bônus custa USD9.99. Vale muito a pena comprar! Divirtam-se ouvindo ... e boas “midnight memories”.

Laís Rocha (1º EM em 2014)

Das escadas para o topo do mundo: uma banda, cinco sonhos, milhares de sorrisos

Tudo começou quando os cinco garotos do Reino Unido fizeram audições para participar do programa de televisão “The X-Factor UK”. Harry Styles, Liam Payne, Louis Tomlinson, Niall Horan e Zayn Malik fizeram suas audições no programa que busca novos talentos musicais no ano de 2010, mas nunca imaginaram que chegariam tão longe - o vencedor desse show de televisão ganha um contrato com uma gravadora - os cinco rapazes tentaram entrar no programa como cantores solo, porém só passaram da primeira fase. Simon Cowell - um dos jurados - achou que os garotos tinham um grande potencial que não deveria ser desperdiçado, então teve a brilhante ideia de juntá-los em um grupo. Sem se conhecer, os garotos de 16-18 anos começaram a trabalhar juntos na tentativa de se tornarem famosos.

Infelizmente, a banda dos meninos, a OneDirection, não ganhou a competição, ficando em terceiro lugar. Os cinco ficaram devastados. Porém, o destino ainda tinha uma carta nas mãos: Simon Cowell. O jurado não ficou contente com o resultado, já que ele via um futuro próspero para a banda. Ele, então, resolveu assinar um contrato com a OneDirection.

Agora, depois de quase quatro anos de carreira, a banda já tem três álbuns de sucesso: “UpAll Night” (2011), “Take Me Home” (2012) e “Midnight Memories” (2013). A banda ficou tão famosa, que, em três anos de carreira, lançou um documentário sobre sua história e de seus integrantes, que foi intitulada de “ThisIsUs” (sem tradução para o português). O filme, lançado em 2013, produzido pela SYCO Entertainment e Modest!, fala sobre a vida cotidiana dos garotos, mostrando os bastidores de shows, visitas à família, entrevistas exclusivas e muito mais. É um filme feito especialmente para as fãs – nomeadas de “directioners” -, mas que pode entreter qualquer um. Ele mostra não só o lado glamoroso da vida dos novos queridinhos do mundo, mas também como eram suas vidas antes da fama.

Dirigido por Morgan Spurlock, vale muito a pena se assistir, principalmente em família, onde se pode desfrutar do bom humor e rir das brincadeiras dos garotos.

Para aqueles que se interessarem, o trailer do filme está no youtube. O filme já está sendo vendido em DVD nas livrarias, com o preço variando em torno de R\$39,80 (DVD com brinde exclusivo) e R\$89,90(Blu-Ray 3D).

Link para o trailer original: <http://www.youtube.com/watch?v=C0I9ikjQtul&hd=1>

Link para o trailer legendado: <http://www.youtube.com/watch?v=iFnxupGXNk4&hd=1>

Marianne Lage (1º EM em 2014)

Mídia e Opinião Pública

A palavra “mídia” no dicionário significa, resumidamente, qualquer suporte de difusão de informações que constitua simultaneamente um meio de expressão e um intermediário capaz de transmitir uma mensagem a um grupo. Somente pela definição lexical já é possível ver que a mídia não divulga necessariamente a opinião pública. Longe disso. O intermediário transmite a mensagem que quer para um grupo (sociedade), mensagem essa ligada aos interesses financeiros e particulares de seus executivos.

No Brasil, a questão da mídia vai além do cidadão Kane, e nesse oligopólio existente em terra verde-amarela, a única cor representada no meio da comunicação é o Marinho. Ao se observar a atuação da Rede Globo, percebe-se claramente que a mídia apenas se importa em deixar representar seus interesses privados. Um exemplo atual desse comportamento é visto na greve dos professores do Rio de Janeiro, nesse momento em que a mídia se coloca “contra” os profissionais da educação e a favor do governo “pmdbista”, pois esta mídia dissimulada se beneficia em milhões com contratos em educação com o governo municipal e estadual.

Quando muito mais de 50% da audiência de um meio de comunicação pertence a um mesmo grupo, opinião pública se confunde com opinião imposta, e isso reina no Brasil. Esse é o conceito de opinião pública usado pela mídia, opinião essa que ela mesma determina. Ao disfarçar que a “opinião pública” transmitida por ela na verdade de pública não tem nada, a mídia também encobre o fato de ela não ter sido eleita por ninguém, mesmo se declarando direta ou indiretamente como representante do povo.

Ao se falar em mídia e em comunicação, não se pode falar em opinião pública. Sempre quando qualquer informação é lida ou assistida, a opinião do autor estará contida na notícia, por mais imparcialmente que o autor tente se posicionar. Por isso, é importante ler diversas fontes e saber se posicionar criticamente a respeito da informação receptada, pois, a todo momento, a influência de meios de comunicação, figuras públicas e próximas estará ao redor de qualquer um: o importante é saber que cada um se representa, e que falar por todos é impossível.

Amanda Brandão (3º EM em 2013)

Mídia e Opinião Pública

A mídia brasileira é uma mídia de poucos. Dominada por um punhado de magnatas e famílias, apenas mentindo é que se poderia afirmar ser ela representante da opinião pública. Com efeito, muito se vê o contrário, pois ela, historicamente, sempre foi sectária de um certo elitismo e opositora aos governos populares. Ademais, ao longo do tempo, incessantemente demonstrou extrema parcialidade nas informações que divulga.

Conforme artigo publicado pela BBC Brasil, 60% do mercado de revistas do país pertencem ao Grupo Abril, da família Civita, e mais de 68% da indústria televisiva dividem-se nas mãos das famílias Marinho e Abravanel e do bispo Edir Macedo, proprietários da Rede Globo, do SBT e da Rede Record, respectivamente. Em suma, a pluralidade de comunicações no Brasil não existe e o que se vê é que, tendo interesses afins, os donos da mídia podem facilmente manobrar a opinião pública.

Veja-se o caso da Escola Base, 1994. Sem provas concretas, toda a grande mídia brasileira acusou indiscriminadamente seis pessoas de estupro infantil. A opinião pública tornou-se a de que os acusados mereciam, no mínimo, o linchamento. Suas casas foram invadidas e todos perderam seus empregos. No final, se deu provada a inocência. Até hoje, quase 20 anos após a injustiça, os acusados não restabeleceram a normalidade em suas vidas. Percebe-se, por esse caso, como a mídia não tem servido à sociedade brasileira. Na verdade, ela contraria os direitos da sociedade. A própria presunção da inocência, princípio básico do direito constitucional, não é poupada de suas investidas.

A parcialidade ideológica, por sua vez, também é característica da mídia tupiniquim. Sua presença se dá em casos incontestáveis de desserviço à opinião pública, como o apoio ao Golpe de 1964 e a manipulação de informações que, nas eleições de 1989, levaram Collor ao poder. Esses abusos e afrontas à sociedade brasileira e a manipulação de sua opinião só deixarão de existir com uma mídia plural, que, dispondo finalmente de variados pontos de vista, poderá se fazer deveras construtiva.

Carlos Frederico D'Almeida e Mendes (3º EM em 2013)

Lei da Anistia

A discussão em torno da revisão e reinterpretação da Lei da Anistia está muito forte ultimamente, principalmente depois da criação da Comissão Nacional da Verdade, que visa à apuração de graves violações de Direitos Humanos ocorridos entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Apesar de todos os posicionamentos contrários à revisão, dois fatores são indiscutíveis: primeiro, a transição para a democracia aconteceu nas condições dos militares, quando estes ainda ocupavam o poder; a segunda é que os Direitos Humanos devem prevalecer sobre qualquer legislação.

Defender a Lei da Anistia porque foi incorporada à constituição de 1988 com um “presidente civil e num ambiente democrático” é risível, quando o dito “presidente civil” fora até presidente da ARENA (partido do governo) em 1979 e as eleições presidenciais do “ambiente democrático” aconteceram de forma indireta – contrariando as muitas manifestações a favor das Diretas Já –, com o mesmo colégio eleitoral que elegera os antigos presidentes e políticos do período da Ditadura. O que houve foi uma aceitação da Anistia imposta pelos militares sob a falácia de que fora resultado de um acordo, o que não é verdade, já que foi evidentemente mais benéfica aos militares e torturadores.

O Brasil, por causa dessa estagnação diante das atrocidades que marcaram a ditadura, se constrange perante a Convenção Americana de Direitos Humanos, da qual é signatário. A Convenção considera crimes que atentam contra os Direitos Humanos imprescritíveis e condena o Brasil por não ter punido os responsáveis pelas mortes e desaparecimentos ocorridos na Guerrilha do Araguaia. Não violando apenas tratados internacionais, o país viola inclusive as próprias convenções de Direitos Humanos ratificadas em território nacional.

A Comissão da Verdade está buscando revelar todos os fatos escondidos e esquecidos desse período obscuro da história do país, mas não significa que mesmo depois de quase três décadas desde o fim do regime, a justiça não deva ser feita e os carrascos da democracia não devam ser finalmente punidos. O Estado deve uma explicação sobre os crimes ocorridos durante o regime militar. Deve-se de fato haver não apenas um resgate histórico, mas também a punição dos torturadores da Ditadura, que só poderia ser conquistada com no mínimo uma reinterpretação da Lei da Anistia. Assim, todos poderão olhar para trás na história do Brasil e reconhecer o passado do país sabendo que a justiça foi feita.

Amanda Teixeira Brandão (3º EM em 2013)

Amigos do mundo, uni-vos!

As relações sociais estabelecidas em diferentes contextos sócio-econômicos são essencialmente atreladas a esses contextos e são influenciadas por eles. Considerando

que não há dissociação desses elementos, a amizade e o apoio mútuo tornam possíveis movimentos de resistência e práticas de cidadania, capazes de proporcionar o bem para a coletividade. No modelo neoliberal contemporâneo, a perpetuação das amizades garante não só a manutenção dos vínculos afetivos, mas também a força cooperativa para lutar contra dominações sociopolíticas.

O individualismo tem sido potencializado pelo sistema econômico em vigor no mundo: o capitalismo. O último é responsável pela inovação da comunicação instantânea, porém em poucas palavras, por definir o público e privado, estimulando atitudes egoístas e por maximizar a competitividade e estabelecer hierarquias. Portanto, as consequências desse sistema perturbam as relações sociais constantemente, determinando até mesmo o futuro delas.

Na medida em que os sujeitos se sentem imersos em redomas solitárias nas multidões urbanas, eles se tornam carentes e ávidos por se relacionar – criando, assim, entre si, laços cada vez mais vulneráveis. Ora, seria essa fragilização dos laços uma consequência aleatória do capitalismo? Muito pelo contrário, é ingenuidade não perceber que o sistema, na verdade, se alimenta da desunião humana.

Os laços de amizade são capazes de proporcionar experiências políticas incompatíveis com o modelo excludente e individualista do capitalismo. A união popular proporciona resistência à opressão, através da solidariedade e cooperação, e principalmente da criação de soluções criativas para amenizar as condições impostas aos proletariados e menos favorecidos. O intercâmbio de aprendizados e conhecimentos impulsiona o engajamento social e as práticas de cidadania.

Mais do que um fenômeno natural, a amizade é indispensável para a construção histórica de discursos revolucionários e difusão de novas correntes ideológicas. As vozes afins, ecoando juntas, soam mais alto e se torna impossível ignorá-las. Sob essa perspectiva, é necessário que se protejam as relações sociais da avalanche ideológica capitalista.

Dignidade e Direito de Morrer

Segundo Kant, a dignidade é um valor incondicional dos seres humanos e a autonomia da vontade é o fundamento da natureza humana. Essas ideias estão hoje consagradas na Constituição de diversos países, entre os quais a Alemanha, China, Venezuela, Itália, Grécia, Portugal e Brasil. No entanto, contraditoriamente, esses países também possuem em comum a proibição da eutanásia e do suicídio assistido, duas formas de expressão da dignidade da pessoa humana.

Na eutanásia, terceiros decidem e deliberam dar um fim piedoso à vida de uma pessoa gravemente enferma. No suicídio assistido, o evento morte é provocado pelo próprio doente, com a ajuda de outras pessoas, que visam auxiliá-lo no término da dor. A ideia base nesses conceitos é que a vida humana é mais do que a simples sobrevivência física: deve ser vida com dignidade. Se é assim, não seria pertinente pensar que do próprio direito à vida deriva o direito à morrer com dignidade?

Considerado o Estado como uma instituição neutra em termos morais e laica, que tem como objetivo garantir ao cidadão seus direitos básicos, pode-se questionar a adoção de uma proibição estatal a respeito da eutanásia. Um Estado verdadeiramente democrático não pode impor noções de moralidade pública aos seus cidadãos, e deveria se abster sobre decisões de interesse exclusivamente pessoal. Do contrário, o Estado assume uma posição paternalista e autoritária que fere o direito da livre escolha de cada indivíduo sobre a sua própria vida, o que é uma afronta à dignidade humana.

É o que ocorreu com Diane Pretty, na Inglaterra, que tinha o corpo paralisado do pescoço para baixo e entrou com um pedido para que seu marido pudesse ajudá-la a cometer suicídio. A autorização foi negada. Pretty se encontrava em um estado tão avançado da doença que até para realizar funções básicas como a de falar e se alimentar precisava da ajuda de aparelhos. Para o Estado, era seu dever proteger a vida humana. Para Pretty, o corpo é a propriedade mais privada que alguém pode ter. Devido às leis inglesas, ela foi impedida de morrer de forma tranquila e sem sofrimento, como queria. Em uma conferência em Londres ela mesma disse: “A lei tirou tudo de mim”.

O exemplo de Diane Pretty ensina os limites da intervenção do Estado na decisão de antecipar a morte. Cada um deveria ter o direito de escolher morrer com dignidade e não ser obrigado a sofrer por tempo prolongado, privado do domínio normal sobre o próprio corpo. Em casos de eutanásia, a intromissão do Estado deveria se restringir à regulamentação, para garantir que essa prática fosse realizada somente naquelas hipóteses em que a pretensão é verdadeiramente humanitária e com o consentimento do indivíduo, quando este for possível. Somente assim, o Estado cumpriria seu dever e estariam

protegidos os valores básicos da própria existência humana, presentes na constituição.

Camila Modesto (3º EM em 2013)

Antinaturalidade constitucional

A decisão do Supremo Tribunal Federal brasileiro que reconheceu como legal a união estável homo afetiva desencadeou uma série de debates acerca de uma futura aprovação do casamento igualitário. Essa futura aprovação confronta preceitos religiosos e conservadores, o que atrasa esse feliz avanço que finalmente reiteraria a igualdade dos indivíduos perante a lei como previsto no Código Civil Brasileiro.

Quando, em 2011, houve o reconhecimento da união estável homossexual pelo STF, fomentou-se a discussão acerca da aprovação de uma emenda constitucional que reconheceria o casamento civil como igualitário no sentido de que, independente do rótulo atribuído ao casal (hetero ou homossexual), todos poderiam se casar. Portanto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo seria regulamentado. Apesar de tardia, essa regulamentação é necessária já que corrige contradições no Código Civil efetivando a premissa de que todos os indivíduos são iguais perante a lei. Além disso, acarretaria numa aceitação melhor por parte da sociedade conservadora, que qualifica a homossexualidade como antinatural.

Contudo, as instituições religiosas não estão satisfeitas com a simples efetivação da laicidade estatal e se propõem a atrasar o andamento da aprovação da emenda apresentando argumentos ultrapassados. Esses argumentos afirmam que a homossexualidade é antinatural no sentido biológico e divino. No entanto, não compreendem que o casamento engloba o aspecto sentimental, ou seja, desconsideram o fato de que todos os seres são capazes de amar independente do sexo. A antinaturalidade, também, afetaria a instituição familiar tradicional (homem e mulher convencionais), o que ameaçaria a perpetuação da espécie. Isto, porém, é um absurdo já que a função do casamento não é a procriação, afinal, não há nada que ateste a existência de fertilidade no casal para que possam se casar. Além disso, o problema da procriação pode ser resolvido através da inseminação artificial.

Além desses, há outros argumentos nada sólidos que aceitam a permanência da contradição do Código Civil. No entanto, o Estado brasileiro não deve ponderar sobre os argumentos religiosos já que é, em tese, laico e, portanto, deve aprovar o casamento igualitário demonstrando que reconhece as diversas formas de amor como iguais e dá aos diversos casais o direito de se casar igualmente.

Ana Paula Santos Huoya (3º EM em 2013)

Tensão sobre o superficial

A pós-modernidade anuncia um novo detentor do tempo: o capitalismo. No entanto, não se pode confundir o tempo com o próprio capital já que ele não é o definidor dos marcos existenciais. Recentemente, esse tempo vem se contraindo e a velocidade do fluxo de informação, submissa ao capital, reflete na liquidez e planificação das informações, que prejudicam a opinião dos indivíduos.

Após a segunda revolução industrial, a associação do tempo a fenômenos da natureza, à igreja, ao social se dissolveu: banalizou-se a ideia de que o tempo é dinheiro. No entanto, não basta classificá-lo como produtor de riqueza. O tempo, de fato, é o que tece a vida do ser humano, afinal, é delimitada por dois marcos temporais: o nascimento e a morte. Segundo o filósofo Henri Bergson, o tempo é o que regula o sentimento de continuidade e que colabora para a projeção e conceito de futuro.

Atualmente, é perceptível uma contração temporal e as relações humanas são, juntamente com o tempo, submetidas à coerção capitalista na qual a velocidade e efetividade de produção se relacionam. Por isso, o tempo é confundido com o próprio capital apesar de que este não passa do controlador do tempo no intuito de reter poder. Um exemplo disso é o fato de que a velocidade do fluxo informativo, sem amparo do movimento dos corpos, é alta, fazendo com que o indivíduo não comporte mais o acúmulo de informações e, por isso, dificulta o próprio aprofundamento sobre elas. Isso gera a liquidez e planificação da informação, prejudicando a capacidade opinativa do sujeito: atropela e superficializa os acontecimentos sem um movimento consistente (líquido).

Portanto, a velocidade é um meio de escape à profundidade. O tempo, ao ser comprimido, descarta a projeção de futuro e elimina a possibilidade de questionamento do sistema (o senhor do tempo). O ser pós-moderno se tornou bidimensional (planificado) e individualista: não se pergunta sobre os problemas sociais e coletivos, vivendo em função desse capitalismo globalizador.

Ana Paula Santos Huoya (3º EM em 2013)

O Tio Sam no comando

Há uma tendência no capitalismo contemporâneo que, de certa forma, o afasta da essência econômica e o aproxima do caráter explicitamente manipulador e “controlador psicológico”. Essa nova tendência fica nítida quando analisamos como se dá, atualmente, a administração da internet e de seus principais disseminadores de informação instantânea entre usuários.

Na era em que o fluxo de dados é rápido e contínuo, a internet torna-se o meio mais democrático de acesso a estes. No entanto, sabe-se que os detentores de todo, ou quase todo o controle da rede, são os “pais” do capitalismo, os EUA. Tal domínio exerce sobre os usuários uma manipulação implícita, silenciosa, na qual, através de redes sociais e afins, o internauta submete-se ao partilhamento de sua vida e passa a ser “observado pelo sistema”, de modo que sua vida privada fica exposta aos servidores externos do “Tio Sam”.

Devemos considerar a seguinte ideia: quanto mais pessoas puderem interpretar um conhecimento, um fato, uma ideia, melhor. Isso significa dizer que é de suma importância a manutenção do modelo de internet disseminador de informações. Em contrapartida, é extremamente repulsivo esse modelo totalitário, controlador da vida pessoal do internauta, que tem o intuito de sugar suas preferências para coagi-lo, de alguma maneira (seja com publicidade adequada, com imagens tendenciosas etc.), para a sobrevivência soberana desse capitalismo metamórfico mundial.

A única saída para a completa supressão desse modelo de internet controlador imposto pelos Estados Unidos é a democratização ou a nacionalização da posse da rede. Em outras palavras, deve-se criar um acordo em que os demais países possam ter o direito de escolher quem controla a “web” no seu país ou de que forma ela pode ser controlada por outras nações – até mesmo pelos Estados Unidos. Essa causa é uma questão de política forte contra as tendências imperialistas anti-democráticas norte-americanas.

Roberto Ladeira Reis (3º EM em 2013)

Eutanásia

Para um Estado que se denomina laico e moralmente neutro, o Brasil ainda apresenta argumentos basicamente religiosos quando se trata da condenação à eutanásia. Taxada como uma “usurpação à vida humana”, essa prática é banida no país, desprezando-se até mesmo a autonomia dos pacientes.

Essa antecipação ao óbito é tida como um grande tabu na sociedade brasileira. Apesar de apresentar resultados positivos como a abreviação da dor e do sofrimento, essa aceleração do processo de desencarne é encarada judicialmente como uma supressão do direito à vida, como se esta fosse uma obrigação imposta aos cidadãos. A não imparcialidade do governo em relação à igreja é clara e, com isso, a negação do livre arbítrio do ser humano, em escolher entre uma existência vegetativa ou uma morte suave, injustificável.

A eutanásia é legalmente proibida no Estado sulamericano, estando sujeito à detenção o indivíduo que pratica ou se presta a ajudar na realização da ação. Esse rigor, no entanto, acaba interferindo na liberdade dos enfermos, que passam a não possuir mais o controle de suas próprias vidas. Como consequência dessa falta de escolha e necessidade de submissão, muitos optam por seguir o caminho da ilegalidade como meio de alcançar o desejado. Uma representação do caso é o filme “Mar Adentro”, de Alejandro Amenábar, em que, após muito tentar na justiça ter o direito à sua morte, o personagem, sem alternativas, acaba por se suicidar (com ajuda de amigos).

Tendo em vista a situação em que se encontram os pacientes, que não podem sequer exercer sua cidadania, a eutanásia deveria-lhes ser concedida, desde que essa decisão seja voluntária. Para isso, deve-se avaliar as componentes biológicas, sociais, econômicas e psíquicas, sendo contextualizadas e pensadas de forma a assegurar a verdadeira autonomia do indivíduo, para que não existam influências exteriores.

Fernanda Atta (3º EM em 2013)

Resenha do filme “Intocáveis”

Philippe (François Cluzet) - um homem muito rico e tetraplégico – contrata Driss (Omar Sy) - um homem sem experiência - , para se tornar seu cuidador. A partir dessa ligação, eles começam a perceber como um transforma a vida do outro. “Intocáveis” é um filme francês feito pelos diretores: Olivier Nakache, Éric Toledano, em 2011, que se tornou um sucesso de bilheteria francês, com mais de 30 milhões de espectadores e sucessivamente um sucesso mundial. Olivier Nakache e Éric Toledano são diretores e atores franceses, que já dirigiram outros filmes juntos, como “Nos jours heureux” (2006) e “Tellement proches” (2009). Porém o auge de suas carreiras, como diretores, foi com o filme “Intocáveis”. O filme é baseado no livro “O segundo suspiro”, de Philippe Pozzo di Borgo, ex - executivo, que ficou tetraplégico e narra a sua história real de uma amizade inesperada com seu acompanhante, o ex presidiário, Abdel Sellou.

Filmes franceses como “A riviera não é aqui” (2008) e “Os visitantes” (1993) foram filmes de grande sucesso na França, porém sem êxito no mundo. Então, “Intocáveis” foi uma grande surpresa, por ser um filme francês que se destacou mundialmente.

O filme conta a história de um homem muito rico, Philippe, que após sofrer um acidente de paraquedas, torna-se tetraplégico. Além de ter sofrido pelo seu acidente, sofrera com a perda de sua esposa. Driss, um homem que estava em condicional da prisão, com problemas familiares e desempregado, acaba conhecendo Philippe. Eles se conheceram, na casa de Philippe, para um teste de enfermeiro. Porém, Driss não queria ser enfermeiro de ninguém: estava ali para conseguir uma assinatura para seu seguro desemprego (quando o governo dá uma assistência financeira por um tempo para aqueles que estão desempregados, porém atrás de um trabalho) e ir embora. Mesmo com uma fila enorme de enfermeiros qualificados, Philippe estava procurando uma pessoa que não tivesse pena dele, e assim, acaba decidindo contratar Driss – que não tivera experiência nenhuma – por 1 mês, para ver como ele se sai. No início, Driss não sabia como era cuidar de uma pessoa tetraplégica, então em situações como atender o celular, tomar banho, comer... ele se esquecia que tinha que ajudar Philippe. Ou seja, diferente dos outros acompanhantes, Driss não o considerava um coitado, e sim, um homem, como qualquer outro. No decorrer da história, você percebe que os dois criam um laço de amizade muito forte, mostrando que um aprende com o outro, superando suas dificuldades, diante dos estilos de vida completamente diferentes.

O filme ganhou sete premiações internacionais como a de melhor performance de ator - Omar Sy - (césar 2012 – premiação francesa), melhor filme (globo de cristal 2012), melhores atores – François Cluzet e Omar Sy - (festival de filme internacional de Tóquio 2012), melhor audiência de filme (troféu de filme francês

2012), entre outros. E, recentemente ganhou a oitava posição de premiação de melhores filmes de 2012. Pra você ter uma noção, o filme fez tanto sucesso, que ganhou prêmios desde a França ao Japão. Antes de ver o filme, eu tive a ideia de que se tratava de uma história triste e chata. Porém, me surpreendeu, sendo um filme interessantíssimo, bem humorado, divertido, engraçado, que faz com que o receptor tenha uma reflexão sobre o sentido da vida.

Além de ter o enredo fantástico, esse filme quebra os estereótipos do filme francês, mostrando ao mundo que o sucesso de um filme francês pode ser comparado, sim, ao de um filme hollywoodiano. Enfim, é um filme que eu simplesmente amei e recomendo.

Fontes: <http://www.intrinseca.com.br/site/2012/07/intocaveis-o-filme-frances-maisvisto-dahistoria/>
<http://blogs.diariodonordeste.com.br/blogdecinema/tag/eric-toledano/>
<http://www.youtube.com/watch?v=uDQI2zPoCZY>
<http://acervo.revistabula.com/posts/filmes/intocaveis-de-olivier-nakache-e-ric-toledano> <http://lumiproducoes.blogspot.com.br/2012/09/resenha-do-filme-osintocaveissucesso.html>

Maria Eduarda (1º EM em 2013)

A Verdadeira Comédia sobre o amor – para homens Obra de comédia com atores consagrados e grande publicidade é mais um bom exemplo de que não se deve comprar um livro pela capa.

Existem muitos exemplos que demonstram a veracidade do fato de que talento não é hereditário. São incontáveis os filhos que não conseguiram manter o sucesso de seus pais, e a história mostra que isto não é recente. Não é diferente com Bruno Mazzeo, filho de Chico Anísio. E Aí, Comeu? vem com uma boa propaganda, com atores renomeados como Marcos Palmeira e o próprio Bruno, e vem contando a história de três amigos que sentam num bar e falam sobre assuntos indecentes e mulheres, tornando o que deveria ser “a verdadeira comédia sobre o amor” em um conto para homens.

Este é o terceiro filme de Bruno Mazzeo. Muita Calma Nessa Hora e Cilada.com não embalaram também, revelando que Bruno deveria voltar para o stand-up. As histórias pessoais de cada um não se encontram com a história central, fazendo com que o filme tenha dois ou mais (três histórias para três amigos) núcleos de roteiro diferentes, sem dar a dica de em qual focarmos.

Além disso, técnicas para deixar o filme mais interessante realmente não ajudam muito. Fatos como sempre filmar os protagonistas em câmera lenta, quando entram numa festa, não adicionam muita coisa à história. A tentativa de fazer graça através de discursos diretos com o sexo também deixam o filme com um ar nojento, estranho. No fim das contas, E aí, Comeu? é mais um filme que mostra que nome não significa qualidade. Os atores mais nomeados em comédia, sem contar com Leandro Hassum e Marcius Melhem (Os Caras de Pau) não conseguiram fazer da peça de teatro E Aí, Comeu? um filme bom. Se fosse vendido como realmente é, provavelmente não faria o sucesso de público que fez.

Lucas Leal (1º EM em 2013)

As Aventuras de Pi

Uma história mundialmente conhecida que recentemente foi levada às telas e já ganhou vários prêmios. Mas seria um plágio de uma obra brasileira?

Quando alguém vê “As Aventuras de Pi”, não consegue não achar o filme com uma bela história e com um bom efeito sonoro ou visual. Ainda mais visto em 3D, melhor uso do cinema, ou em 4D, com direito a água no rosto e até mesmo vento, que faz qualquer um pensar que está no filme.

“As Aventuras de Pi”, um filme para todas as faixas etárias, conta a dramática história de Piscine Patel, conhecido como Pi, um garoto nascido na Índia e criado em um zoológico, de propriedade familiar, junto com seus pais e seu irmão, desde sua infância até a sua juventude. Pi começou, além de criar um gosto por diversas religiões, também a cultivá-las, um ato que seu pai não aprovava e muito menos gostava. Quando adolescente, sua família passou por uma crise financeira e a única solução era todos, até mesmo com os animais do zoológico, irem para o Canadá. Mas como ir todo mundo junto para o outro lado do mundo? A saída seria o transporte por um navio. No meio da viagem, uma forte tempestade atingiu o barco e este naufragou, restando apenas a vida de Pi, com um tigre bengala, um orangotango, uma hiena e uma zebra. Com o passar do tempo, apenas Pi e o tigre, que o próprio garoto e a sua família deram o nome de Richard Parker, sobreviveram, aprendendo a superar as diferenças um do outro, durante 227 dias. O filme transmite a mensagem da luta pela sobrevivência, buscando a fé, com a frase: “Acredite no inacreditável.”

Escrito pelo autor canadense, Yann Martel, o livro foi best-seller com 1,5 milhões de exemplares. Foi levado para o cinema, com o dia de lançamento aqui no Brasil 21 de dezembro de 2012, pelo famoso diretor Ang Lee, o mesmo cineasta que mostrou a sua capacidade ao fazer “Hulk”, em 2003. Ficou ainda mais famoso ao ganhar vários prêmios, esse ano, entre eles: Oscar, nas categorias de Melhor Diretor, Melhor Fotografia, Melhor Efeito visual e Melhor Trilha Sonora, além de ganhar nesta mesma categoria o Globo De Ouro de 2013.

Com o papel de Pi, temos dois atores, Suraj Shama, com a sua estreia no cinema, interpretando Pi, em sua juventude e Irfan Khan, interpretando o mesmo personagem, na fase adulta. Tem uma excelente produção, que, além de seu diretor, tem Gil Netter e David Womack. Também fazem parte do elenco grandes nomes como Gérard Depardieu, além de ter Adil Hussain e Rafe Spall. Sua incrível produção foi estimada em U\$S 120 milhões, com uma duração de 129 minutos, pela Fox Film.

Mas como nem tudo é perfeito, “As Aventuras de Pi”, não foi uma história criada por Yann Martel e sim um plágio da obra nacional, “Max e os Felinos”, do autor gaúcho, já falecido, Moacyr Scliar, lançada no Brasil em 1980. O livro

conta a história de um adolescente judeu, que fugiu da Alemanha nazista, em um barco, que após naufrágio, é obrigado a dividir um bote com um jaguar.

“As Aventuras de Pi” ganhou o prêmio Man Booker, em 2002, época que Moacyr ainda era vivo. O grande problema está aí: o escritor canadense não reconheceu que se baseou no livro brasileiro. Enquanto vivo, Moacyr Scliar mostrou ter uma postura exemplar ao mostrar a sua opinião sobre o ocorrido. Ao invés de aparecer na mídia, ou até mesmo processar Martel, deixou o assunto passar e deixou a sua grande obra para a humanidade.

Maria Catharina Lantyer (1º EM em 2013)

Em um Futuro Distante...

O mundo parou para assistir à trama envolvente da luta da jovem e batalhadora Katniss (Jennifer Lawrence) para salvar-se do sadismo e crueldade humana, em “Jogos Vorazes”.

O grande fenômeno mundial e recordista de bilheteria, “Jogos Vorazes”, narra a história de Katniss Everdeen, uma garota de dezesseis anos, que enfrenta a força opressora com ousadia e, simultaneamente, tenta manter-se viva em uma arena criada virtualmente.

A trama se passa num futuro fictício, em um país cujo nome é Panem (onde hoje se encontra a América do Norte), constituído por doze distritos explorados por uma capital. No seu passado, havia treze distritos, que se rebelaram contra a hegemônica e manipuladora capital, gerando uma grande guerra civil. Porém, esta não recua e como prova de todo o seu poder, destrói o decimo-terceiro distrito. Para punição, cria os Jogos Vorazes, onde dois jovens de cada distrito são sorteados anualmente na “colheita”, para entrar em uma arena e lutar pelas suas vidas, com outros vinte e dois oponentes. Com o passar dos anos, os jogos deixaram de ser uma punição e transformaram-se em entretenimento televisivo para a população da capital.

Katniss se candidata a ir para arena, com o objetivo de salvar a vida de sua frágil e delicada irmã mais nova, Primrose, que fora sorteada. Gale, (Liam Hemsworth) seu amigo de infância, se preocupa com a protagonista e lhe promete cuidar da família dela. Do mesmo distrito, (doze) o rapaz sorteado foi Peeta Mellark (Josh Hutcherson). Katniss e o rapaz entram na arena e batalham em um jogo que não exige somente habilidade, mas astúcia, ousadia e agilidade. É um jogo onde a vitória leva à fama e riqueza e a perda leva à morte.

É, sem sombra de dúvidas, um filme espetacular com uma trama reflexiva e intrigante, repleta de ideias brilhantes. Não se trata apenas de uma película voltada para o público jovem, mas de uma crítica imposta de forma atrativa, ao mundo em que vivemos. Faz-nos sentir na situação da protagonista, vivenciar cada emoção, todo o sofrimento pela opressão.

Com um elenco talentoso e competente, incluindo a vencedora do Oscar de melhor atriz, pelo filme “O Lado Bom da Vida”, Jennifer Lawrence e o veterano do cinema Josh Hutcherson (ABC do Amor, Viagem ao centro da terra e diversos outros filmes), que está na carreira de ator desde criança. Liam Hemsworth, (A Última Música e Os Mercenários 2) apesar de não ter grande participação em “Jogos Vorazes”, ganhará um papel maior no filme “Em Chamas”, com estreia em novembro de 2013. Haverá ainda um terceiro filme, sem previsão de lançamento, cujo nome é “A Esperança”.

O filme segue fielmente o livro com o mesmo nome, escrito pela exímia autora Suzanne Collins. A saga inteira será lançada nos cinemas, pelo sucesso que o primeiro filme gerou e pela legião de fãs que conquistou.

Em uma sociedade onde se pode ter tudo o que se deseja (graças ao alto nível de desenvolvimento tecnológico), como o capital, sua forma de entretenimento se torna sádica e perigosa. Em um futuro, (não tão distante e diferente como imaginamos,) onde a maioria da população é explorada e oprimida pelo governo e classes sociais superiores, uma chama de revolta e esperança se acende. E para você, caro leitor, que pretende se deliciar com essa trama fascinante “Bons Jogos Vorazes e que a sorte esteja sempre a seu favor”.

Gabriela Afonso Pereira (1º EM em 2013)

A Volta ao Mundo em 80 Dias - Uma Aposta Muito Louca

Uma aposta leva um inventor britânico, um ladrão chinês e uma artista francesa a viajar o mundo em 80 dias.

Do diretor Frank Coraci, "A Volta ao Mundo em 80 Dias - Uma Aposta Muito Louca" é uma refilmagem de um clássico de 1956, inspirado na obra de Júlio Verne, "A Volta Ao Mundo em 80 Dias".

O filme conta a história do metódico inventor Phileas Fogg, que acaba apostando que consegue dar a volta ao mundo em 80 dias. Para acompanhar o Senhor Fogg nesta viagem, o seu criado, Passepartout, também embarca nesta grande aventura. Passepartout aceitou ser o criado do inventor porque tinha roubado um banco e era fugitivo da polícia. Na primeira parada da dupla, eles encontram uma linda artista francesa, que resolve seguir viagem com o inventor e seu criado.

O filme possui magníficos cenários, com belas paisagens de diferentes países, como China, Índia, França e Estados Unidos. O filme conta com um excelente elenco, composto por grandes nomes de Hollywood, com Jackie Chan, Steve Coogan e Arnold Schwarzenegger. Como desfecho, Phileas Fogg, Passepartout e a artista Monique chegam a Londres com um dia de antecedência e são ovacionados pelo público presente e o senhor Fogg se torna o novo diretor de Ciências da Inglaterra.

O Filme "A Volta ao Mundo em 80 Dias – Uma Aposta Muito Louca" é diferente do filme de 1956, "A volta ao Mundo em Oitenta Dias", e também é diferente da obra original de Júlio Verne. O filme mais recente traz um pouco mais de humor à história. Quem ainda não assistiu ao filme não perde por esperar. Este filme pode ser assistido entre amigos ou com a família. Com a sua maravilhosa história, o "remake" encanta todos que assistem a ele.

Felipe Sampaio (1º EM em 2013)

A Estratégia Xavante

A chegada dos Europeus na América, em 1500, e a constante exploração a que foram submetidos os nativos a partir de então levaram ao desaparecimento de milhares de povos indígenas. Tribos inteiras foram massacradas, escravizadas ou morreram de doenças e de fome depois de terem perdido suas terras. Está claro, portanto, que a questão da ameaça aos indígenas não é recente, tendo origem nos tempos da colonização e é atualmente alvo de diversas discussões, devido às suas consequências para a sociedade brasileira.

Levando isso em conta, e tendo em vista o desenvolvimento de um projeto que possibilitasse uma maior defesa dos seus direitos, na década de 70, a tribo indígena Xavante, através do conselho da aldeia, formulou uma estratégia para promover uma maior compreensão pelo indígena da cultura não-indígena. O projeto consistia em mandar oito meninos da aldeia para viverem, por alguns anos, na cidade de Ribeirão Preto, com famílias de não índios, com o objetivo de contribuir positivamente para a integração entre a cultura indígena e a não-indígena.

A aproximação entre as duas culturas, através do diálogo, permitiu a quebra de estereótipos e preconceitos antes existentes pela falta de conhecimento sobre a cultura alheia. A convivência possibilitou a compreensão, a aceitação e o respeito recíproco das diferenças culturais. Ademais, o contato do índio com o sistema de políticas públicas viabilizou e aumentou as possibilidades de defesa dos direitos de sua cultura e território, pois o conhecimento de como funciona internamente um sistema facilita a participação do indivíduo nesse sistema.

No entanto, a implementação do projeto teve um “preço” e exigiu sacrifício por parte dos índios. De fato, a mudança dos meninos para a cidade grande levou à separação pais e filhos, acarretando forte impacto nas relações afetivas. Outro aspecto negativo foi a dificuldade de adaptação do índio a uma cultura completamente diversa e depois a readaptação à sua própria cultura.

Apesar dos custos impostos, os resultados obtidos evidenciam que a estratégia Xavante pode contribuir significativamente para o processo de integração social da cultura indígena na sociedade e para o desenvolvimento da tolerância de uma cultura pela outra. O projeto, em princípio, poderia ser adotado pelo Estado brasileiro como modelo de atuação nos conflitos existentes na convivência entre povos ou culturas diversas, contudo, vale ressaltar que esse tipo de estratégia não pode se tornar uma imposição do Estado, pois, se assim for, inevitavelmente não terá o mesmo êxito.

Emily Cerón (3º EM em 2011)

O cárcere da desigualdade

O muro é o que separa. O muro físico é produto de um outro muro internalizado, muito mais complexo e difícil de se romper. O modo como as cidades ou qualquer aglomeração urbana se organiza é reflexo de como os seres que as compõem são. Por isso, continentes, estados, municípios derivados de processos políticos, econômicos e socio-culturais, diferem entre si.

O muro privilegia aquele que tem o poder de transpassá-lo. Físico ou não-físico, o muro pode ser o cartão de crédito, um dogma religioso, a porta de casa, um tabu, um preconceito, uma catraca. O muro separa o público do privado, cerca escolas, hospitais e universidades. Nesse sentido, a desigualdade social promove a multiplicação dos muros e gera segregação.

Resultado de uma sociedade cruelmente egoísta e amedrontada, impregnada de "autismos", os muros já fazem parte do cenário. Se a desculpa para o recuo dos grupos favorecidos para se refugiar em suas "mini-fortalezas" é a precariedade da segurança pública, a idéia de passividade e conveniência, enquanto solução, é equivocada e desastrosa. Do lado de dentro, permanecem anestesiados em suas jaulas e fogem ao invés de combater a desigualdade.

O comando é fechar o vidro do carro, desviar do mendigo, instalar cerca elétrica em volta da casa. Na relação opressor e oprimido/vítima e algoz, a mídia sensacionalista presta um desserviço à sociedade. Cria, convenientemente, seus vilões e heróis; amedronta; anuncia "condomínio-de-luxo-segurança-máxima"; promete a tão sonhada zona de conforto "onde a realidade não chega". A desigualdade é tratada como vírus contagioso pelas classes mais altas e não é combatida com distribuição de renda, mas com exclusão.

Enxergar o outro, principalmente na diferença, enquanto ser humano, é essencial. Quem rompe seus muros invisíveis, suas intolerâncias e egocentrismos, transcende. A quebra dos muros internos quebra os externos. Não se pode propor uma homogeneização universal, mas sim o reconhecimento e respeito às diferenças. Políticas públicas que promovam a democratização de recursos - principalmente ligados à educação -, a distribuição de renda e a apropriação dos espaços públicos como praças, teatros e universidades, devem ser criadas. Assim se promove de forma eficiente a desconstrução de uma realidade opressora e a desmistificação de preconceitos e estigmas.

Ayume Guimarães (3º EM em 2011)

O sonho de uma sociedade tolerante e um Estado impessoal

Portador de um governo democrático bem consolidado, principalmente nos últimos 25 anos, o Brasil ainda navega no mar da fama de um dos países mais corruptos e desiguais do mundo. Dada à concentração de riqueza produzida, o Brasil é sinônimo de miséria e pobreza.

As diferenças existentes deveriam gerar a tolerância, mas o que parece estar acontecendo é exatamente o contrário. No Brasil, as cidades vivem um “apartheid social” onde os diferentes não se misturam. Os muros ideológicos já tomaram formas concretas: os condomínios, em bairros nobres, têm segurança 24 horas, os carros são blindados e as casas cercadas por arames. Esses muros não são apenas físicos, os muros têm valor simbólico: as cidades, ao serem divididas por muros, dividem pessoas de classes sociais diferentes. Assim, a segregação aumenta e a tolerância diminui.

O Brasil tem um Estado patrimonialista e clientelista, que não cumpre seu papel de gerenciador dos interesses coletivos. É um Estado defensor dos interesses de poucos em detrimento de bem-estar de muitos. O culpado das desigualdades, entretanto, não é só o Estado. A “sociedade privilegiada” estaria disposta a abrir mão das vantagens, do conforto nos condomínios de segurança máxima, em detrimento dos interesses coletivos? Tudo indica que todos querem uma sociedade igualitária, menos desigual e mais tolerante. Mas, ao observarmos as relações sociais, não parece que todos estão dispostos a arcar como os verdadeiros sacrifícios para que isto aconteça.

O florescimento de uma sociedade livre das divisões entre ricos e pobres só será possível se o Estado promover maciços investimentos no bem-estar coletivo como a reforma na educação e em programas de ajuda aos menos assistidos, e na consolidação de um Estado menos personalista e mais impessoal. A participação da sociedade não pode ser minimizada. Estar disposto a aceitar as diferenças, ser mais tolerante e mais generoso é o primeiro passo de uma sociedade igualitária e sem nenhum tipo de muro visível ou invisível.

Vitória Greve (3º EM em 2011)

Melhor que medalhas, desenvolvimento

Impossível é ser totalmente contra os jogos olímpicos de 2016 no Brasil ou a favor deles. Enquanto, por um lado, a esperança eufórica se acende, por outro, o passado histórico levanta a mão pedindo a palavra. Enquanto o nacionalismo exacerbado e romântico pede por mais uma chance para tentativa de mudança, a realidade coeva grita desesperada para uma melhor reflexão sobre a olimpíada que será sediada no Rio de Janeiro. As emoções dizem sim; o racionalismo pragmático, de jeito nenhum.

Inegável dizer o quanto o setor turístico deve aumentar. De acordo com a EMBRATUR, o turismo fluminense deve crescer em torno de 15% em relação ao ano anterior (2015). Com todo o mega-investimento na infra-estrutura, a economia interna também deve comemorar bons números. O incentivo ao esporte será posto em questão e as centenas de atletas brasileiros com alto grau de potencialidade terão suas chances em torno dos patrocinadores e empresários. Uma fase de bons ventos parece chegar ao Brasil, ou melhor, ao Rio... Para que mais reflexão?

Acordando para uma triste realidade que é corrente no Brasil, tende-se a hesitar sobre a relevância de todos os bons resultados imaginados e previstos. O gasto de bilhões em dinheiro público estará sendo bem empregado dando ao povo circo quando ainda não se tem pão? O turismo que será fomentado não aumentará o turismo sexual de menores já presente no país? O direcionamento das atenções ao Rio de Janeiro, onde efetivamente serão sediados os jogos, não trará consequências para os demais estados brasileiros? Sim, todos esses aspectos são possíveis; enquanto a saúde e a educação pública clamam por mudanças ter-se-ão investimentos em estádios e hotéis; enquanto grande parte da população vive de bolsa-família e salários ínfimos a Olimpíada enriquecerá grandes empresários e investidores; enquanto o Rio estará de roupa nova com todas as atenções financeiras e políticas para si, as demais cidades e estados serão mais uma vez esquecidos e marginalizados.

O Brasil pode, sim, ver nos jogos de 2016 oportunidades para transformar-se. Cabe os governadores trabalhar em cima desse objetivo em vez de importar-se com ostentações desnecessárias a fim de mostrar-se ao mundo como potência cheia de luxo e dinheiro. Cabe a população fiscalizar as autoridades de modo a evitar corrupções e, em conjunto, trabalharem todos para que o resultado do evento seja positivo.

Maiana Handam (3º EM em 2009)

Igualdade na nação dos “Cristóvão-quilombos”

Em 2008, o Brasil está completando cento e vinte anos da abolição da escravatura; no entanto, vivencia muitos problemas estruturais de preconceitos fortes e claros, porém camuflados. Essa é uma situação suja do país tupiniquim. Olha-se para a atual sociedade e pode-se ver claramente que a segregação racial continua forte nas pequenas e grandes questões do dia-a-dia. Afetados diretamente por esses pensamentos anacrônicos, os autores de livros didáticos e literatura infanto-juvenil continuam a disseminar, de forma indireta ou, algumas vezes, direta, tais pensamentos.

É inegável também que houve avanços, muitos até, mas não o suficiente para solucionar todos os problemas dessa magnitude existentes na literatura brasileira. Os livros, nesses cento e vinte anos, passaram a ser menos preconceituosos, porém o problema continua latente. Na literatura infanto-juvenil, o negro continua sendo retratado na grande maioria dos casos como sujo (Cascão), malandro (Saci-pererê) e quase sempre ocupando cargos considerados menos valorosos na atual sociedade (Tia Nastácia). Colocar o negro como mal educado e vilão é um grande erro na construção da formação da criança, que, querendo ou não, absorve inconscientemente essa visão restrita. Algumas obras, nos últimos anos, têm fugido à regra e já apresentam situações diferentes que não influenciam na formação preconceituosa.

No caso dos livros didáticos, o problema também é visto a olho nu. Com algum cuidado e interpretação, logo se vê que há questões racistas embutidas. A literatura africana e afro-brasileira é posta de lado, em função de uma educação quase que dogmática que praticamente só ensina autores de época elitistas que traduzem um pensamento de seu século, ficando, então, a cargo do professor, uma interpretação crítica, buscando evitar uma influência maléfica em seus alunos. É necessário que os autores desses livros didáticos tenham um maior cuidado ao fazerem seus livros, visando sempre a um aprendizado da matéria, selecionando melhor os textos ou buscando formas alternativas não comprometedoras da aprendizagem.

O problema é ainda muito grave e antigo. Durante toda a história da literatura brasileira, esse problema existe. No último século, avanços tímidos ocorreram: entre 1975 e 2003 foi localizado um personagem negro para 16,7 brancos, números que apenas comprovam essa verdade crua. É necessária uma reformulação total nas bases da construção do texto literário no que se refere à questão do negro, para que este pare de ser tratado apenas como o escravo, descendente de escravizado ou como subserviente, e passe a ser mostrado por sua cultura, por seus movimentos sociais existentes, pela valorização de seus traços e descendência como ocorre na seleção “Cadernos Negros”.

Txapuã Magalhães (3º EM em 2008)

História versus preconceito: análise crítica

A presença do negro como subalterno ao branco na literatura brasileira é gritante. Essa exclusão social é visível na literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos, os quais, se não estudados de forma crítica, podem formar cidadãos preconceituosos.

Crianças e adolescentes, durante a sua vida estudantil, têm acesso a livros didáticos que tratam, praticamente, apenas sobre a literatura europeia e que resumem a história africana à escravidão. O que ratifica essa afirmação é o fato de que é raro encontrar alguém que conheça a história dos africanos antes da escravidão, como, por exemplo, a da rainha Zinga, líder da libertação de um dos reinos africanos ou até mesmo de Dandara, uma guerreira de Quilombo dos Palmares.

A aparição dos afro-descendentes como subservientes aos brancos ou associados à feiúra pode ser encontrada na literatura infanto-juvenil na personagem de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato. As suas características já se tornaram um estereótipo e prevalecem na literatura até os dias atuais. Um dos grandes problemas que essas leituras podem causar, caso o leitor não faça uma análise crítica, é a absorção da discriminação ao não-branco e a possibilidade de se tornar um cidadão racista.

Portanto, mesmo existindo uma lei que obrigue o ensino da cultura afro-brasileira e da história da África em todas as escolas, é essencial que seja feita uma análise crítica a respeito das mensagens contidas nos livros.

Marcella Brandalize (3º EM em 2008)

Outro Pecado Papal

Após ter passado dos limites com os muçulmanos, falando publicamente que o conceito islâmico de Guerra Santa é ilógico e contraria a natureza divina, o papa Bento XVI extrapolou mais uma vez. Neste mês, o papa atingiu não somente os islâmicos, mas todas as outras religiões cristãs também, afirmando que a Igreja Católica é a única representante de Jesus Cristo.

Este comentário não seria nada demais se pronunciado por um empresário, um padreiro, um doutor ou um arquiteto num mundo já dominado pela intolerância e acostumado com a arrogância religiosa, mas não pelo papa. O líder absoluto da religião com o maior número de devotos do planeta é a última pessoa de quem ousaríamos esperar um comentário como esse.

Como modelo para milhões de fiéis, Bento XVI pronunciou o impronunciável, disse o indizível e acreditou no inacreditável. Por que logo o papa, sacerdote de maior importância política e social do mundo, chegaria ao ponto de ser hipócrita o suficiente para acreditar que Jesus pertence exclusivamente à Igreja Católica? Esse péssimo exemplo de religiocentrismo e intolerância para com outros grupos e etnias é o que menos deveríamos esperar em um planeta já imerso em conflitos e desavenças.

Agora, o mínimo que podemos esperar de Sua Santidade é que tome mais cuidado com a repercussão e a influência que suas “santas palavras” podem ter sobre os que o tomam como porta-voz de Deus.

Kim Sena (3º EM em 2007)

Intolerante afirmação de prepotente supremacia

A inadequada declaração do cardeal alemão Joseph Ratzinger, mais conhecido como Bento XVI, reivindicando Jesus Cristo como propriedade exclusiva do catolicismo, tem causado polêmica. Apesar de boa parte dos católicos ter apoiado a atitude do papa, essa assemelhou-se mais a um ato estimulador da intolerância e do desrespeito às diferenças e às escolhas religiosas dos povos.

Devido à ascensão de diferentes igrejas, principalmente evangélicas e batistas, ao longo dos anos, a poderosa Igreja Católica vem perdendo, cada vez mais, devotos e, além disso, sua doutrina e suas práticas milenares passaram a ser questionadas pelas demais religiões. Como resposta, e para manter a prepotente imagem de superioridade da instituição, Bento XVI iniciou um processo de “ataque” às forças que estavam, e ainda estão, ameaçando o poder da única, como ele mesmo relatou, Igreja de Cristo.

Assim, em 2000, o cardeal assinou um documento onde constava que os cristãos não pertencentes à Igreja Católica se encontravam em posição deficitária na busca por salvação quando comparados aos católicos. Posteriormente, atacou os muçulmanos, dizendo que estes sempre estiveram no mundo fazendo o mal e, recentemente, o seu último ato de intolerância e desrespeito foi a divulgação, através do Vaticano, de um novo documento onde consta que as comunidades cristãs nascidas da Reforma do século XVI não conservam o mistério eucarístico e, portanto, não podem ser chamadas de Igrejas.

Sendo assim, as atitudes do papa têm refletido não somente um desprezo arrogante pela fé alheia, como também comprometem um possível diálogo ecumênico. Portanto, é necessário que os devotos das diversas religiões se tolerem e respeitem, e entendam que elas são apenas diferentes caminhos para se chegar ao mesmo destino, Jesus.

Paulo Henrique Carneiro (3º EM em 2007)

Guerra: inconveniente?

Sérgio Guerra, 45 anos, fotógrafo, expôs pela capital baiana vários 'outdoors' que exibem rostos e expressões de pessoas de raça negra, que representam a maioria da população da cidade. A verdade é que parte de Salvador pareceu incomodar-se com o fato de se deparar com estes rostos nas ruas, todos os dias. Por outro lado, o grupo de pessoas que recebeu com grande alegria esta iniciativa parece ser a pequena grande fração a quem Sérgio Guerra quis dar voz. Assim, a polêmica inicia-se.

Para uns, foi uma boa iniciativa para despertar no povo baiano as suas origens, difundir a cultura afro e para enfrentar o racismo; para outros, esta foi basicamente uma boa maneira de auto-promover o fotógrafo e levantar dúvidas sobre o dinheiro público que a exposição dispendeu. Mas, tentando desviar a atenção desta exposição fotográfica, negando o seu objetivo, negando os rostos que estão nas ruas, a população baiana nega também uma parte de si mesma, um pedaço da sua identidade. Agora todos vêem o que alguns evitavam ver e pode-se considerar que esta exposição é como um encontro da cidade com a sua identidade, através do qual todos têm a oportunidade de mudar o seu pensamento e aprender. A Salvador que se reconhece em Caymmi, no Olodum e no Axé não se vê negra e mestiça no seu cotidiano, dividido por grandes diferenças econômicas e sociais. Nos dias de hoje, a procura pela tolerância e respeito pelas diferenças encontra – ironicamente –, nas regiões onde existem negros e mestiços, um preconceito acentuado.

Sendo assim, sem dúvida a população branca e socialmente privilegiada de Salvador terá muito o que aprender com esta iniciativa de Sérgio Guerra e espera-se que comece a aceitar o que há muito está à frente dos seus olhos, mas que nem todos os soteropolitanos querem ver. Estes projetos e outros contribuirão para que Salvador não negue mais o que faz parte de si mesma.

Ana Ferreira (3º EM em 2007)